

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

AZUL MARINE CAMPOS BARRETO

**Tesouros do capitão naufragado:
uma jornada pela criação em tempos de crise**

São Paulo
2022

AZUL MARINE CAMPOS BARRETO

**Tesouros do capitão naufragado:
uma jornada pela criação em tempos de crise**

Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Artes Cênicas, apresentado no Departamento de Artes Cênicas.

Orientação: Profa. Dra. Alice Kiyomi Yagyu

São Paulo

2022

DEDICATÓRIA

Dedico minhas sinapses em cadeia
Enumero cada compasso do meu coração
Dedilho uma canção nas minhas veias
Inspiro no meu pulmão uma oração
Meu corpo é obra de arte salva do descarte pelas suas mãos

AGRADECIMENTOS

Sem quem segurou minha mão, não teria poesia pra escrever. Minha mão não parava de tremer e chega hora que você já nem visualiza mais o que era que deveria sair. Só consegue ver tudo ruir diante do terremoto. Com a bup no corpo e abortando minha mente, posando pra foto mostrano meus dente, tão cerrados que não dá pra ver o nó na garganta.

Mas quem sabe sabe, e quem soube soube se fazer presente. Es que não fizeram eu desfiz da gente. Eu agradeço imensamente a todes que passaram, mesmo que agora já seja diferente. Vocês edificam meu sonho e eu vou seguir sonhando. Mesmo que alguns agora tejam acordando.

Obrigado por tudo, a todes, por salvarem e seguirem salvando esse artista errante. Um dia eu me firmo sozinho, por agora cada gesto de carinho alivia o peso dos passos, e só quem já afundou o pé no vazio de um passo maior que a perna sabe o peso do seu corpo.

Vocês são mais que família, são mais que amizade, são mais que vigília, são felicidade encarnada em presença. Eu amo vocês, e vou seguir amando mesmo os que vão pra longe. A impermanência é a Lei, isso eu sei, mas o Amor é Rei, e brota de uma fonte que em eterna mudança, eternamente prospera.

Nomes gravados em verde água, sólidos como pedra dura, são a estrutura do caminho.

RESUMO

Este trabalho é uma autoanálise artística sobre o processo criativo das músicas que comporão o EP “ “ e o álbum visual homônimo, que seriam finalizados em 2022 mas entraram em crise, juntamente com os tempos. O trabalho apresenta reflexões poéticas e artísticas sobre as duas obras autorais inacabadas, inspiradas por experiências de transtornos mentais, suicídio, uma internação psiquiátrica e a pandemia de COVID-19. Refletir e criar em meio a crise é a chave para a sobrevivência da arte por esses tempos sombrios, aqui fica a tentativa de um respiro possível.

Palavras-chave: Processo criativo, Poesia, Suicídio

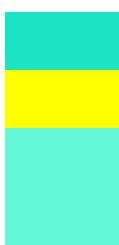
ABSTRACT

This paper is an artistic self analysis about the creative process behind the songs that will compose the EP “ ” and the visual album by the same name. Both of them would be completed in 2022 but have fallen into a crisis, and this age likewise. The paper presents poetic and artistic ponderings on both of the unfinished authoral pieces, inspired by experiences of mental disorders, suicide, a psychiatric hospitalization and the COVID-19 pandemic. Analyzing and creating amidst the crisis is the key to the survival of art through these dark times, here lies an attempt of a possible draw of breath.

Keywords: Creative process, Poetry, Suicide

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS



1 INTRODUÇÃO

1.1 Inspirações

1.2 Pirações



2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Justificativa

2.2 Objetivos

2.3 Método



3 CONCLUSÃO

A CAIXA DE PANDORA
NÃO É DE TODO MAL
A CAIXA DO NÁUFRAGO
TERÁ O MESMO FINAL?



link para o trabalho real
isso é uma ilusão

Vera Campos
Clara Campos
Martha Campos
Newton Barreto
Mario Campos
Noêmia Mariano
Eugênia Mariano
Edson Barreto
Theo Barreto
Maria Luiza Barreto
Maiara Müller
Karina Martins
Luiz Henrique Ferreira
Letícia Alves
Yuuta
Cake
Zuko
Felipe Lins
Rafael Thomazini
Apenas Célio
Lux Machado
Ícaro Pio
Lilian Gomes
Gustavo Barreto
Gustavo Arranjus
Armr'Ore Eromray
Alexys Àgosto
Guilherme Carrara
Lais Souza
Maurício Abbade
Jhonnã Bao
Alice Kiyomi
Talisha Ribeiro
Darlene Maravilha
Rebeca Oliveira

Diego Ramos

Isabel Monteiro

Márcia Matos

Celso Esteves

Cibele Forjaz

Verônica Veloso

INÍCIO

Introdução

Arte cênica. A arte da presença, do espaço e do tempo, do corpo que eu posso ver, sentir e tocar. Como seguir fazendo arte cênica sem a presença, sem espaço, no tempo do caos, no corpo doente? É, a gente nasceu em um tempo muito diferente. Talvez seja o começo do fim. E como se começa um massacre, senão pela arte?

Como se mata a arte? Retirando a verba? Retirando o espaço? Retirando a entrega de um corpo no outro? E se tirarem o ator da cena? Será que ela morre? E se tirarem a cena do espaço? Será que no metaverso existe teatro?

Mas sabe de uma coisa... A minha escolha é sobreviver. Mesmo pelos vírus que me infectam, pelo silêncio das distâncias, pelos remédios que me castram, eu ainda faço a mesma escolha. Sobreviver é necessário.

Sobrevivo ao naufrágio compondo esse tesouro, que quase nada tem de TCC, e quase tudo tem de mim. Eu perdi muita coisa nos últimos 3 anos, e algumas coisas fazem com que um trabalho nos moldes esperados de um trabalho acadêmico sejam praticamente impossíveis de realizar.

Mas eu escolhi transformar as palavras sufocadas num mar de narcóticos, neuroses e novos normais em arte, através da linguagem que eu aprendi na lanterna dos afogados. Tirando um pouco a poesia de lado e falando de um jeito mais comprehensível, foi na clínica psiquiátrica que eu conheci em mim a artesania. Artesania é uma palavra muito chique, mas essa arte é aquela arte da velhinha do crochê, da velhinha sucateira que faz chinelo de caixa de leite, da velhinha igual a minha avó.

Eu cresci vendo essa arte, e ao me tornar artista e entrar na academia eu aprendi a menosprezar essa arte. Quando é que uma boneca de feltro da feira local de Rio Claro vai bater com uma montagem fodona e cabeçuda de um texto visceral da Sarah Kane?

Pois então. Quando o palco me faltou, a dança foi proibida, a rima se enjaoulou no papel e eu me vi totalmente desprovido de arte, quem me salvou foi a arte da minha vó, que resiste em Rio Claro, resiste numa clínica psiquiátrica, e resiste até numa pandemia. As minhas mãos se tornaram as fazedoras da minha alma, quando todo o resto me foi arrancado.

Esse trabalho é manual. Ele fala pelos pontos do crochê, pelos traços dos desenhos, pelos nós das costuras, pelas camadas de cuidado em forma de papel e tecido. Também pelas palavras nascidas no poço mais fundo que eu já cavei em mim,

mas principalmente pela forma como as palavras estão costuradas manualmente em cada canto desse tesouro.

Eu te convido a compartilhar a história do sonho que renasceu na lama e se levantou, tropeçou e continua lutando através do fracasso. Essa é a história do sonho que eu não consegui realizar nesses últimos 3 anos de luta, e que eu sigo buscando, navegando através de águas turbulentas dos tempos críticos que a gente vive.

Um sonho de artista louco, suicida, drogado. Um sonho de artista em terreno árido de uma pandemia, de uma crise política sem precedentes, de um tempo que convulsiona como um bicho moribundo que luta contra a morte até ceder. Estamos morrendo, enquanto Era, povo, cultura e sociedade. Vamos renascer um dia, mas hoje temos que morrer. É possível sonhar na morte?

Até agora, sim, sonhei, criei e realizei coisas lindas. E não, fracassei, perdi tempo e oportunidades, perco minha saúde a cada dia e o sonho, como o nascer do sol sobre o mar, segue lindo, passageiro e eternamente inalcançável. Mas navegar é o meu propósito, e o que é navegar senão seguir pra sempre rumo ao horizonte?

Enfim, já falei demais pra uma introdução né? Vou deixar minhas mãos fazerem um pouco do trabalho agora. Seguir o sumário ou não, assim como as proposições cênicas, são uma escolha pessoal sua. O mapa está aqui, u viajante, agora, é você.

HISTÓRIA

Justificativa

error 404

not found

FICÇÃO
Objetivos

error 404

not found

MAPAS DO PROCESSO

Método

Cartas para quem partiu

Carta para Ícaro

Oi Ícaro, como vai você? Aqui é Marine. Estou escrevendo essa carta pra te contar o que eu escolhi nunca contar, pra me despedir de tudo o que a gente foi e pra encerrar no meu coração um dos amores mais puros que eu já senti.

Desde o dia que eu te conheci, sempre me encantei por você. Você é encantador. Seu sorriso me acalma, sua voz me anima, sua energia me contagia, a beleza da sua pessoa, por dentro e por fora, sempre foram pra mim a encarnação do que existe de mais puro no mundo.

A diferença entre você e eu Ícaro, é que você se arrisca a voar, e eternamente cuidando com a queda da profecia do seu nome, você continua suavemente subindo. É uma das coisas mais bonitas que eu acredito que já testemunhei. Você me inspirou a ser uma pessoa melhor, uma pessoa mais doce, uma pessoa mais ousada e um artista mais criativo.

Quando você abraçou a artesania do meu sonho junto comigo, eu me senti em casa. Me senti entregando meu filho mais precioso nas mãos mais cuidadosas do mundo. E realmente, o que você criou com isso vai além de qualquer coisa que eu já tenha sonhado. Você é simplesmente incrível.

Eu nunca deixei de pensar isso sobre você, e provavelmente nunca vou. Mas eu tive que me escolher. Quando você optou por me afastar da sua presença física, em respeito ao que eu acredito que seja o mais valioso para você, doeu muito. Eu aprendi uma coisa sobre mim que nunca imaginei que fosse verdade: eu duvidei de todos esses 6 anos do seu lado.

Duvidei de todos os sorrisos, todos os abraços, todas as lágrimas, todas as músicas que a gente improvisou junto. Duvidei de mim e de nós. Passei 2 anos questionando quem é que estava criando aquele sentimento absoluto de rejeição, minha doença? Você? Eu sou louco? Eu estou mesmo vendendo o que eu estou vendendo? Ou eu já me despedi da realidade e comecei a viver dentro do meu próprio mundo?

Eu tive que me escolher Ícaro. Eu escolhi acreditar na minha sanidade, e no meu valor. Em outros tempos, eu teria te escolhido. Mas não dessa vez. Dessa vez eu precisei me escolher. Se eu escolhesse você, eu já não estaria mais aqui. No momento em que eu duvidar da minha sanidade de novo, eu volto pro manicômio, ou pro necrotério.

Por mais que eu te ame, te admire, me inspire pela beleza e leveza da sua pessoa, no final, por incrível que pareça, eu preciso me amar mais. E eu sei que você fez a mesma escolha. Você se escolheu também, e eu fico feliz por isso! Eu ainda sinto uma pontada profunda e dolorida no meu coração toda vez que digo o seu nome, porque o amor gera saudade, sabe? Mas nossos caminhos se separaram, e eu escolhi não lutar contra isso.

Eu gostaria de poder te entregar essa carta, de te dar um abraço sincero, gostaria de voltar atrás em tudo que eu acabei de dizer e correr pra você. Gostaria de voltar pra um dia qualquer em 2017, rindo com você do meu lado, sem nem por um segundo questionar esse relacionamento.

Eu gostaria, mas eu não vou. Eu espero que você entenda, espero que no seu coração não exista desprezo, ódio, raiva ou rancor. Eu não tenho nenhum destes sentimentos por você, apesar da dor de testemunhar a sua escolha do corte inicial. Eu já fui o tipo de pessoa que aceitaria ser retirada do convívio de alguém e aceitaria qualquer migalha de afeto no sigilo que me oferecessem, mas essa pessoa morreu. Eu matei ela, e mataria de novo.

A pessoa que eu sou hoje só pode amar plenamente, sem vergonha e sem medo, se a ausência de vergonha e medo forem recíprocas. Eu não posso mais aceitar um amor que não me assume, um amor que não me exibe à luz do dia, um amor que aceita o abraço mas nunca abre os braços pra me receber.

Dito isso, eu espero que no futuro seja possível pra gente existir sem esse sabor amargo de um passado desconversado. Eu nunca vou deixar de te amar, te admirar e sorrir ao ouvir o seu nome voando, onde ele pertence, nas nuvens. Eu quero me amar assim. Sorrir ao ouvir o meu nome, me sentir confortável no mais alto dos picos, me ver com os olhos doces que eu te vi e te vejo.

Um dia talvez você leia essa carta, e talvez nunca aconteça. Mas eu quero que você saiba, mesmo que seja telepaticamente, que você edificou minha história, salvou minha vida, me fez melhor, e eu nunca serei capaz de pagar essa dívida a não ser com gratidão sincera. Eu agradeço o dia em que eu te conheci. Eu agradeço por esses anos. Foi um privilégio e um prazer te ter ao meu lado. Obrigado! Continue existindo na luz que você irradia!

Eu te amo. Como eu quero me amar.

Marine

Carta para Lux

Oi Lux, você tá bem? Eu to escrevendo essa carta porque finalmente acho que cheguei ao ponto em que eu consigo colocar em palavras os meus sentimentos, e tudo o que eu gostaria de te dizer, sem colocar coisas que eu me arrependeria de dizer ou de não dizer.

Lux, acho que você sabe disso, mas eu nunca cheguei a te dizer com todas as palavras. Eu cheguei a te considerar minha melhor amiga, uma coisa que eu não tenho costume de fazer porque não gosto de rankear amizades. Mas nosso relacionamento chegou num ponto de entendimento, carinho, cuidado e conexão que eu realmente cheguei a te colocar nessa posição no meu coração. Mesmo sem dizer pra ninguém porque não gosto desse termo.

Conhecer você foi uma das coisas mais ricas e transformadoras que a vida me trouxe. Você me acolheu, me cuidou, me amou. E eu te acolhi, te cuidei e amei. Acho que nunca me senti tão à vontade com outra pessoa no mundo tanto quanto eu senti com você.

Sentia uma calma e uma tranquilidade, como se nas ondas mais fortes eu pudesse contar com o fato que a gente estaria sempre firme, fincadas na terra como uma coluna, sustentando minha cabeça que pensa e sente demais.

Quando eu comecei a ver o seu afastamento, comecei a ver a minha figura sendo lentamente diluída das mil fotos que tiramos, sem alterar o cenário geral, só me apagando, devagarinho, até sumir. Até hoje, apesar da carta, eu não consigo te explicar o sentimento.

Um misto de rejeição, de culpa, de medo, de insegurança, uma nóia sobre cada erro do caminho que pode ter levado a isso, ódio da minha trajetória suicida, ódio dos meus erros, ódio a mim, ódio e desprezo. Eu peguei o desprezo que sentia, amplifiquei e estampei na minha pele em cada corte que fiz debaixo do chuveiro.

Perder você aos poucos foi como assistir uma morte lenta e dolorosa. Aquela que a gente não quer aceitar, não quer ver, não quer ouvir falar, mas não consegue tirar da cabeça nem por um segundo. Eu achei que ia morrer, porque perdi o pé firme que tinha no chão e as ondas me levaram com violência, pra longe da margem, pro oceano profundo e absolutamente solitário.

Eu demorei muito tempo pra começar a ser capaz de olhar pra situação com olhos mais secos, passei muito tempo vendo a imagem embaçada por debaixo das lágrimas, e dizer para mim mesmo que eu estava inventando. Aquele vulto não era real. Aquilo não estava acontecendo. Eu sou louco, não sou? Eu sou louco, porque isso não é real.

Acontece que, por incrível que pareça, existe uma pequena parte de mim que luta pela minha sobrevivência, uma pequena parte que luta pela minha vida, que faz meu coração bater, meus olhos dilatarem e meus músculos enrijecerem diante do perigo. Tem uma pequena parte de mim que impedia a lâmina de cortar mais profundamente nos meus pulsos. Essa parte sou eu.

Eu não sou o ódio, a solidão, a rejeição, a loucura, a doença, o peso, o fardo, a exclusão. Eu sou o sangue que corre e me aquece, e ele é vermelho Lux, vermelho vivo, muito mais vivo do que aquele que você vê no cinema. Eu sou Azul, mas o meu sangue é vermelho. Eu vou lutar, mesmo contra mim mesmo.

Eu aceitei Lux, aceitei sua partida minha amiga, aceitei sua escolha, aceitei sua distância, aceitei que você, do seu jeito, também estava lutando, e também escolheu a força da sobrevivência pra te guiar. Se eu em algum momento encarnei os seus demônios e fiz na prática o que te torturava na sua mente, você fez a escolha certa. Você escolheu a vida!

E eu também escolhi Lux. E minha vida agora é sem você. Alguns anos atrás, eu seria completamente incapaz de ver uma vida sem você. Me tornei dependente do seu amor e da segurança que você me trazia. Mas hoje nós somos mais fortes, e nós nos escolhemos. Nós escolhemos a vida! Nós vamos viver!

Seria uma mentira te dizer que eu estou feliz com a sua partida, seria uma mentira te dizer que não doeu tomar a atitude de finalizar o corte que você começou, mas a verdade é que eu sei que nós destruímos “nós” porque era importante destruir. Eu te amo pra toda eternidade, e na lei da impermanência eu aceito nosso fim.

Vou te amar agora diferente do que eu jamais te amei no passado. Vou descobrir como amar o silêncio, como amar a falta, como amar o vazio. E por mais que me doa a descoberta, eu vou sobreviver Lux, e eu sei que você também vai. Te conhecer foi um presente, que agora fica no passado. Eu agradeço por tudo, você fez mais do que você imagina por mim, e o amor e cuidado que você é capaz de demonstrar é exatamente o que você merece!

Eu espero no futuro ver os frutos da nossa escolha sendo prósperos e fertilizando outros terrenos. Eu tenho certeza de que não existe escolha errada, escolhemos o fogo da vida, e seja qual seja o preço, vale a pena. Obrigado, te desejo uma vida quente e vibrante como o sangue que corre nas suas veias.

Te amarei eternamente, diferente a cada dia.

Marine

Carta para Lilian

Oi Lil, como vai você? Lil, to te escrevendo essa carta pra colocar em palavras, com mais segurança e perspectiva, algumas das coisas que até já te disse, mas outras que ficaram perdidas na tradução do coração pras palavras.

Desde que te conheci você sempre foi pra mim um porto seguro. Apesar de ser ariana, nunca conheci uma pessoa com uma energia tão aterrada quanto a sua. Falo porque realmente é exatamente como eu me relacionei com você desde o começo, tenho a sensação de que você sempre sabe o que tá fazendo, mesmo quando você não sabe.

Você é aquele tipo de pessoa que passa confiança pros outros, sempre vi um arquétipo meio capricorniano em você, sabe? Daquela pessoa responsável, sensata, que se coloca muito bem e que sempre vai agir de acordo com o que acredita. Mas apesar da energia capricorniana você junta isso com uma sensibilidade que também é bem incomum em arianos, sempre achei que você era uma pessoa muito equilibrada, e sempre me inspirei em você.

Por conta dos meus próprios complexos, eu sempre vi você como uma pessoa tão incrível que era quase inalcançável, sabe? Aquela linha do horizonte onde o sol nasce mas onde eu nunca poderia chegar. Por esse motivo, eu sempre senti uma carência enorme com relação a você. Lógico que eu dei tudo de mim pra esconder essa carência, mas ela acaba transbordando quer a gente queira quer não.

Sempre sentia que não te via o suficiente, não conversava com você o suficiente, não te aproveitava o suficiente. É um sentimento estranho porque até durante os momentos em que a gente tá interagindo me vinha aquela sensação de “droga mas isso vai acabar e não vai ser tempo suficiente!”. Uma coisa muito estranha mesmo, eu admito...

Esse sentimento não acontecia só com relação a você, eu tenho isso toda vez que eu admiro muito uma pessoa em coisas que eu gostaria de ser, mas não sou. Eu te acho foda, uma cantora foda, uma dançarina foda, uma atriz foda, uma amiga foda, uma produtora, artista, pensadora, pessoa foda!

Por isso sempre tive a sensação que quanto mais tempo eu pudesse ficar do seu lado, mais eu poderia aprender a ser mais como você. Infelizmente não é bem assim que o mundo funciona né? Eu sou eu, e você é você, a gente não aprende a ser como os outros por osmose, a gente precisa praticar por conta própria.

Talvez por essa carência enorme que eu sempre senti, quando chegou o momento de afastamento que veio ao mesmo tempo de outras pessoas que também são muito importantes pra mim, eu senti automaticamente que não era bom o suficiente pra estar

perto de você. Que eu estava longe porque você finalmente tinha percebido que eu nunca estive nem perto da sua altura, eu nunca cheguei perto da sua luz.

Esse sentimento não veio sozinho, com o contexto em que ele nasceu, na minha cabeça, era uma verdade solidificada. Independente de isso fazer sentido racionalmente falando, com tudo o que aconteceu, com tantas pessoas me cortando das suas vidas por terem visto o tamanho do vazio que existe no meu peito, eu pensei que você também tava escolhendo se afastar do abismo que eu carrego.

Minha psicóloga, quando eu disse pra ela da primeira pessoa que escolheu me cortar da vida, ela deu risada e disse “é só a primeira”, porque ela disse que era natural depois de uma pessoa tentar se matar isso acontecer em massa. Foi dito e feito.

Uma a uma, as pessoas foram indo embora. Algumas escolheram nem se despedir. Não culpo elas, elas escolheram o que tiveram que escolher pra se auto preservar, já que a minha presença não era uma coisa boa depois de verem que eu não sou uma pessoa tão bonita quanto a máscara que eu carrego por aí.

Não culpo elas porque de início, eu culpei a mim mesmo. Comecei a me odiar ainda mais, encontrei todo um novo motivo pra ter nojo de mim, e passei por muito tempo pela fase em que eu me odiava ao mesmo tempo pelo afastamento, e ao mesmo tempo por estar “inventando” esse afastamento na minha cabeça. Duvidar da minha sanidade era mais fácil do que aceitar a realidade, que era de que o passado antes da minha tentativa não ia mais voltar, já era.

Duvidei por muito tempo, questionei por muito tempo, de qualquer um dos jeitos eu me martirizei pela situação: ou eu estava inventando um cenário na minha cabeça porque era uma pessoa louca, ou eu estava realmente afastando as pessoas porque era uma pessoa ruim. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

Quando finalmente decidi não mais duvidar da minha sanidade e aceitar o que estava acontecendo, tentei transformar meu luto e minha tristeza em raiva, para me motivar a sair daquele lugar. Quando fiz isso, escolhi como alvos as pessoas que estavam naquele momento se distanciando de mim, e você estava junto delas.

A raiva durou bem pouco, porque a verdade é que o amor que eu sinto não me permite sentir raiva REAL dessas pessoas por muito tempo. Então abandonei a raiva, e comecei a aceitar realmente a nova fase da minha vida, solitária e isolada. Foi aí que te mandei aquela mensagem e tomei a decisão de retirar você, Ícaro e Lux do projeto.

Para mim, eu estava apenas finalizando o corte que foi iniciado pelo outro lado. E realmente, essa é a verdade para os outros dois relacionamentos. Mas, minha visão

estava turva, e eu não consegui perceber as nuances entre vocês. Coloquei todos num mesmo pacote e lidei da mesma forma com todos.

Não vou dizer que faria diferente hoje, porque é muito difícil ter esse nível de discernimento no meio de toda a situação, quando a sua pele está tão fina que qualquer toque dói. Mas, hoje eu tenho mais discernimento, e consigo ver com mais facilidade as diferenças daquele grupo de pessoas. Não são uma massa, cada um é um indivíduo, cada pessoa escolheu me afastar por um motivo diverso, e não é justo agrupar todos só porque o resultado final foi o mesmo.

Por isso, eu te peço desculpas. Como já pedi antes, mas peço novamente porque você ainda não me deu uma resposta, então eu sigo pedindo. Você tem todo o direito de escolher a sua resposta, seja ela como for eu vou aceitar e lidar da melhor forma. Só gostaria de deixar sublinhado que eu reconheço meu erro, e que me arrependo de ter te machucado no processo de reconhecer isso.

Uma parte de mim volta praquele sentimento de carência e de insuficiência, e fica se recriminando por ter mordido a pessoa errada como um cachorro descontrolado que morde o próprio dono. Outra parte de mim é um pouco mais tranquila, e aceita que eu passei por um processo difícil, cometer erros faz parte, assim como você deve estar passando e tem o direito de reagir como você quiser e puder.

Essas partes ficam lutando ao decorrer dos dias e às vezes pendo mais pra uma, e depois pra outra. O importante de tudo, e que eu gostaria de te dizer, é que eu acredito que passei por um dos processos mais difíceis e sofridos da minha vida, e que agora começo a enxergar uma possibilidade de futuro, me desapegando de tudo o que eu perdi nesse caminho.

Eu não sei qual o tamanho do processo interno que eu causei em você, se foi um impacto grande ou pequeno, mas gostaria de dizer que seja qual for, eu espero que você saia desse processo com leveza, seja a do desapego ou a do perdão. Você sempre foi uma inspiração e uma pessoa que eu admiro, e eu confio no seu processo para chegar do outro lado da forma que for melhor para você.

Se você quiser me perdoar, eu estarei aqui. Se você quiser se desapegar de mim, eu vou partir da melhor forma possível. Agora eu entendo uma coisa que passei 27 anos da minha vida sem entender. O objetivo final da vida não é encontrar e manter conexões que vão dar sentido pra minha existência.

Eu vivi todo esse tempo esperando exatamente isso, encontrar as pessoas que me fariam ter um propósito nessa Terra. O amor sempre foi meu maior objetivo, e o meu amor sempre incluiu presença e dedicação absoluta da minha parte. Mas hoje eu percebo que

ninguém nunca vai ser capaz de dar sentido pra minha vida. Ninguém. Se eu tiver que passar o resto da minha vida só, eu vou sofrer as consequências disso com certeza, mas não posso depender de ninguém para me dar vida.

A mesma coisa vale para os outros. Eu sempre me coloquei na posição de quem ama eternamente da mesma forma e que impedir que essas conexões se percam era minha missão, pelo meu bem e pelo bem das pessoas que eu amo. Mas sabe, isso não é real. Meu amor nunca vai ser capaz de te salvar, de te resgatar de si mesma. Por mais intensamente e incondicionalmente que eu te ame, eu nunca vou poder suportar o peso da sua existência.

Parece óbvio né... mas pra mim realmente é uma descoberta que, na prática, eu nunca tinha vivido. Eu nunca vivi uma desilusão do tamanho dessa, um luto em vida desses. E olhando pra tudo isso, eu encontro uma verdade: meu amor e o amor que eu busco nas pessoas é importante e lindo, mas nunca vai preencher a falta.

A falta nunca vai deixar de existir, por mais pessoas que eu enfeie ali. Meu coração existe com essa lacuna impreenchível, e é isso... Tudo isso pra dizer que, com tudo o que aconteceu, meu amor por você nunca deixou de existir, e mesmo que em eterna mudança, ele vai sempre existir. Eu amo você, sua luz, sua presença, sua mente, sua arte, seus sentimentos, eu te amo completamente.

E se você escolher se afastar desse amor, essa escolha não é um erro. Quando eu escolhi te afastar, não foi um erro. Meu erro foi um erro de julgamento e de percepção, mas, estando com a visão turva dos acontecimentos, não foi errado escolher a mim mesmo no lugar de escolher o amor de todas essas pessoas.

Eu escolhi certo, sob um preceito errado, o que fez com que a gente chegasse nesse lugar. Aqui eu acredito que te devo desculpas, mas não me devo desculpas, eu agi certo comigo mesmo, entende?

Se você escolher manter o meu amor por perto, eu vou ficar muito feliz, e vou seguir tentando melhorar como pessoa, ao seu lado. Se você escolher dar adeus, essa escolha não é errada, e você tem direito de escolher o que te fizer melhor! E eu realmente comprehendo isso agora, sem ser da boca pra fora.

Seja o que for, eu aceito e me contento com a realidade como ela é e como for. Obrigado por ser a pessoa que você é, por me inspirar, por me fazer aspirar coisas melhores, por me ensinar tanto, por me acompanhar com tanto cuidado, por ser tão humilde e gentil. Te conhecer, independente do resultado da sua escolha, foi um presente imenso! Você é um presente para o mundo.

Eternamente grato, eternamente em mudança.

Marine

2020

Como se constrói um sonho?

Em Fevereiro de 2020 eu saí da clínica psiquiátrica com o otimismo ingênuo de quem viveu muitas sessões de terapia em grupo, e com o coração bêbado de paixão. Saí da clínica com uma coisa que fazia tempo que eu não tinha, um sonho. Foi isso que me apaixonou naquele homem, a convicção que ele tinha no meu futuro, e que eu passei a ter.



Pra quem se esqueceu o que é futuro e vive todo dia desejando que seja o último, reprender a sonhar é um passo

muito importante. Eu venci o Inferno do suicida, venci 3 meses no Purgatório, e estava indo de encontro com o Paraíso.

Meu sonho era compor e produzir músicas baseadas em rascunhos e poesias que foram escritas dentro da clínica sobre vários temas, e com isso montar um EP e um show para iniciar uma nova carreira, no caso uma carreira musical. Eu nunca tinha considerado isso como opção antes da clínica, pra mim as Artes Cênicas sempre foram um caminho claro como um neon luminoso de puteiro da Augusta.

Faço e sempre quis fazer Artes Cênicas desde os meus 12 anos. Mas ao longo do tempo, convivendo com a deterioração da minha saúde mental, meu sonho foi perdendo o brilho, e a experiência da faculdade foi uma faca de dois gumes: aprendi muito, mas me alienei mais ainda do meu amor pela cena.

A demanda de tempo e dedicação da faculdade acabou me isolando de tudo o que eu havia conquistado no mundo enquanto atuante, perdi contato com as pessoas, parei de frequentar lugares, parei de assistir teatro (!), tudo porque a demanda era absurdamente alta. Isso, combinado com a minha condição mental, ofuscou a clareza do caminho que eu trilhei pra mim ainda criança.

E então, internado, no mais improvável dos lugares com a mais improvável das pessoas, nasceu uma nova forma de ver a vida e sonhar. Com uma Arte Cênica diferente, junto com a Música, e com a possibilidade da existência pra além da cena,

num formato que eu consigo deixar no mundo mesmo sem estar lá. Isso me reanimou.

Mas... o mundo tinha outros planos, e o mundo não é conhecido por ser misericordioso. Quase imediatamente a pandemia de COVID-19 começou a chegar perto do Ocidente. Lá de dentro da clínica eu vi de relance algumas notícias no jornal sobre o vírus, mas não dei muita importância.

Saindo de lá ele se fez presente da maneira que só a Peste é capaz. Imediatamente, a ideia de um show ficou impossível por tempo indefinido. Sem palco, sem contato, sem arte, sem aglomeração e sem fim previsto pro apocalipse.

Enquanto isso acontecia, comecei a dar início na primeira tentativa de erguer meu EP. Levei algumas músicas e poesias para meu amigo que é produtor, que disse que iria me ajudar a produzir as músicas. Mas, infelizmente, nada no mundo é de mão beijada. Ele começou a ficar atolado de trabalho e nosso contato foi esfriando, esfriando, até eu entender o recado de que já era.

Bom, meu futuro mal chegou e já foi embora. Com a faculdade trancada, o portão de casa trancado e o sonho trancado. Sobrou eu e meu namorado diretamente do grupo dos TMs. Meu amor era um homem muito especial, ele tinha mais fé em mim do que eu jamais tive, mas a gente se uniu pelo trauma, e o trauma só mantém por perto aqueles que se mantém na dor. Nossa relação não era saudável, e acabou.



Perdi tudo. De novo. O resto de 2020 eu passei em estado vegetativo, sem levantar da cama, assistindo o fim do mundo pela minha janela, desejando a morte e faltando a coragem depois de ver o dano que isso causou. Eu não podia me matar de novo, a minha família não ia aguentar. Então eu não me matei.

A única coisa que eu fui capaz de produzir enquanto criação artística foi o artesanato. Aprendi a fazer crochê na Terapia Ocupacional que era oferecida para as internes da clínica, e saindo de lá, comecei a praticar mais e aprender mais coisas. Como tinha perdido o emprego quando fui parar na clínica, eu tive a ideia de começar a vender algumas peças de crochê, no intuito de sustentar o próprio hobby e ter dinheiro pra comprar linhas, e mais algumas besteirinhas.

Criei a minha lojinha no instagram, chamada Terapia de Artesã, e comecei a vender minhas pequenas criações, principalmente amigurumis. Comecei copiando receitas já prontas e bem simples, pra ir aprendendo. Conforme fui avançando na técnica, comecei a me arriscar a criar minhas próprias receitas, e daí pra frente passei a vender só amigurumis originais. Vendia também bijuterias inspiradas nas criações que eu fiz dentro da clínica, com macramê e técnicas mistas.



Nesse período de tempo de aprendizado, do zero à cópia e finalmente ao domínio da técnica e criação original, eu fui capaz de ver em miniatura a jornada da minha vida como artista.

Quando comecei a fazer teatro, com 12 anos na época da escola, eu me lembro até hoje da minha primeira improvisação. Era uma cena de Dom Quixote, em que o herói está machucado por ter lutado contra os moinhos, e eu era a sobrinha dele. A única coisa que eu soube fazer em cena era ficar repetindo "Tio! Tio!"

Tio!", porque era só o que me passou pela cabeça que uma sobrinha preocupada faria.

Lembro que meu professor da época me deu um esculacho e falou "Quem é esse gato miando Tio! Tio!, que coisa irritante!". Eu quis chorar, mas de alguma forma, mesmo tendo sido gongado na minha primeira vez pisando em cena, alguma coisa ali me encantou. Mesmo sendo muito ruim em tudo o que eu fazia, eu me apaixonei perdidamente pelo Teatro.

Passei 3 anos fazendo teatro com esse grupo escolar. Eu era muito ruim, e sempre levava várias gongadas, mas ao longo desse tempo eu fui começando a aprender a copiar coisas que eu achava boas como referências. A cópia era uma boa alternativa pra mim, mas a dificuldade era quando as coisas davam errado.

Eu lembro de uma vez que fizemos "O Auto da Barca do Inferno", e eu era o Anjo. Eu assisti váaaarias coisas de anjos, e outros atores que fizeram essa peça, e peguei como referência um anjo que era todo durinho, sério, imponente. Fui copiar e fazer igual. Mas como o Teatro ama passar a perna na gente, adivinha o que aconteceu...

No dia da apresentação, eu tive uma crise de tosse no meio da peça! Não conseguia parar de tossir. Mas pra mim, um anjo imponente tossindo era impossível, então eu tentei segurar a tosse de tudo quanto era jeito, e quanto mais eu segurava mais parecia que eu ia explodir.

qnd vc ja tossiu um monte de
vezes na sala de aula e tenta
segurar pra nao tossir mais



Eu quis morrer, meu anjo fodão já era! Eu passei o ano todo treinando pra fazer aquele papel, e quando chegou a hora H... fracasso. Mesmo assim, morrendo de vergonha de mim e com ódio do meu pulmão, ainda tinha uma magia tão forte de estar no palco que eu daria tudo pra voltar pra lá, mesmo que fosse pra passar vergonha.

Depois desses anos fazendo teatro, e sempre levando várias gongadas, eu decidi que era isso que eu queria fazer da minha vida. Com 15 anos, falei com os meus pais e disse que eu queria fazer um curso profissionalizante em Teatro. E me matriculei. Eu era aquela pessoa 150% comprometida, muito empolgada e que dava sangue suor e lágrimas por aquilo, sabe? Eu amava cada segundo daqueles Sábados, e eu sabia que tinha encontrado o meu caminho. Lá dentro, tudo era diferente, totalmente diferente do grupo de teatro da escola. A gente lia livros, discutia teoria, experimentava coisas incríveis, a gente não tinha vergonha!

Em toda a minha vida teatral até ali, estar em cena era necessariamente passar vergonha, mesmo que fosse o que eu amava fazer. Mas ali no Técnico eu descobri um outro jeito de fazer teatro. Um jeito de experimentar o corpo de olhos fechados, sem se importar pra o que os outros vão ver. Um jeito de tocar o corpo do outro e ser tocado sem o nervosismo da puberdade. Um jeito de estar em contato consigo sem a preocupação da expectativa do professor pra peça do final do ano.

O que era paixão virou um amor profundo. E foi ali, naquele espaço, que eu comecei a descobrir a originalidade do meu

trabalho. Aquilo que só o meu corpo, com seus defeitos e esquisitices, era capaz de trazer pra cena. Descobrir isso era como descobrir o meu DNA, o código secreto que sempre esteve ali e eu só não era capaz de decifrar antes.

Nesses 3 anos, comecei cada vez mais a buscar o que estava pra além da cópia. E pra isso eu tive que copiar muita coisa antes. Copiar a técnica. Como diz o nome do curso, lá era um ensino técnico. Tinha aulas de técnica corporal, técnica vocal, história do teatro, montagem teatral e técnicas de interpretação. O meu mundo se expandiu e conheci uma caralhada de nomes e referências, e eu lia tudo, estudava muito, amava absolutamente tudo sobre estar ali.

E aí, em 2012, eu sofri minha primeira grande porrada na vida. Minha irmã de alma, uma grande amiga minha, faleceu do nada, com 17 anos de idade. Aí, eu caí na minha primeira grande crise depressiva e suicida da minha vida. Eu sempre fui uma pessoa com pensamentos e tendências suicidas, mas foi nessa hora que isso realmente deixou de ser um pensamento distante pra ser um desejo constante.



Me formei no Técnico, já não mais com tanta empolgação e pulsão de vida, e me afastei do mundo por um tempo. Depois, quando voltei, voltei com fogo, força e tesão, e vivi novamente mais 2 anos de amor absoluto pelo Teatro e nem uma centelha de dúvida na minha mente sobre aquilo. Era o meu DNA, o código da minha vida.

Nesses 2 anos, fora da escola, fora do Técnico, eu fui pro Mundo. E no mundo comecei a conhecer o mundo para além da técnica, para além da cópia, para além da teoria. Eu vivi o mundo da prática, da gambiarra, do pagar pra ver, da Praça Roosevelt, sabe? Aquele teatro roots, pé rapado, e completamente apaixonado? Aquele.



Lá, eu comecei a me desprender do meu perfeccionismo, do meu idealismo, e comecei a aprender a arte do fazer com o que se tem. E aí é que tá o negócio, quando você tem um certo conhecimento técnico e você começa a perceber que ele se torna secundário na sua cabeça na hora do vamo ver, essa é a hora que

as coisas começam a ficar ainda mais gostosas, mais confortáveis. A vergonha já ficou lá atrás, já nem lembro mais o que era. O lugar onde eu mais me sentia completamente em casa no mundo era em cena.

Foi aí que eu tomei a decisão de fazer a faculdade de Artes Cênicas. A minha ideia original era que a faculdade fosse um plano B na minha vida, pra que eu pudesse, nos tempos de crise, ter uma rede de segurança dentro da minha área. Ela nunca foi meu plano A. Eu nunca quis ser acadêmico.

Entrei na faculdade, e feliz ou infelizmente, lá dentro também existia muita paixão. E com a paixão vem a demanda. No meu primeiro ano eu esperava algo parecido com o profissionalizante, o ensino meticoloso da técnica, pra que se pudesse desprender dela com o tempo. Na realidade eu encontrei algo totalmente diferente.

A faculdade pra mim foi um espaço muito esquisito. Um espaço meio esquizofrênico, que vive duas realidades ao mesmo tempo e alterna entre elas com a graça que um bêbado troca de calçada no meio da madrugada.

A faculdade existe na realidade do "vocês não sabem nada e vamos te ensinar do zero" e na realidade do "vocês já deveriam saber tudo isso pra estarem aqui se virem", ao mesmo tempo. Vive também a realidade do "o que fazemos é arte, se desprenda das amarras da técnica" e a realidade do "estamos na academia e obedecemos os métodos da Ciência, se adapte" ao mesmo tempo.

Acho que já está meio óbvio pelo jeito que eu estou falando que a faculdade foi uma experiência extremamente polarizada pra mim. Os altos foram altíssimos e os baixos, bem, os baixos foram suicidas.

Até hoje, escrevendo esse trabalho acadêmico absolutamente anti-acadêmico eu sinto meus braços sendo puxados em direções opostas pela faculdade. Mas, pelo bem ou pelo mal, eu cheguei até aqui.



Porém, foi na faculdade que aconteceu o que nunca havia acontecido nesses anos todos de Teatro. Eu me revoltei com o meu amor, e perdi a certeza dos meus passos. Existir enquanto artista foi a escolha da minha vida inteira, e na faculdade eu questionei inclusive se eu era artista.

Acho que estou até agora tentando resolver esses questionamentos, mas foi nos pontos do crochê que compõem esse baú que eu consegui condensar os passos da minha vida até então, que eu consegui ver de cima como quem teceu seu caminho, e ver a trilha até ali com um pouco mais de generosidade.

Passei o ano de 2020 retecendo a minha existência como artista. Me afirmando como artista, longe da cena, do palco, de tudo o que eu já havia conhecido até ali. Mesmo moribundo eu sou artista. Se eu pulso vida e sou capaz de me reerguer do necrotério é porque eu sou artista. E não existe Academia que vá dissecar o meu DNA com tanta clareza quanto as minhas próprias mãos em estado de Arte. Tecendo correntes de hélices duplas eu me criei como artista a minha vida inteira. E nada, nem a morte, vai me impedir de ser o que eu escolhi ser.

Com pouca retórica mas com muita artesania, eu sou o que eu escolhi ser. No fim do mundo, sigo sendo.

SOBRE O FILME

2021

Janeiro

Por trabalho do destino, 2021 começou diferente da terra arrasada do ano anterior. Meu amigo de longa data entrou em contato e me chamou pra participar da gravação do clipe da banda dele. Eu fui. Voltar a existir como atuante, estar em cena, ensaiar, suar, foi como se as engrenagens empoeiradas e

enferrujadas do meu coração começasse a ranger e lutar contra o pó para voltar a se mexer. Você pode ver o clipe na Inspiração "Dança Sincrônica".



Por ter trabalhado com ele no clipe, e ele sendo produtor musical, lancei bem sem botar fé de ele me ajudar a produzir o EP. E ele disse sim. Decidi que esse era o ano de voltar pra faculdade e terminar tudo.

Fevereiro

Bom, mas como fazer um show durante uma pandemia sem previsão para acabar? Comecei a pensar em formas remotas pra isso. Um show gravado? Acho meio blé. Um show ao vivo por Zoom?

Cruz credo. E então, assistindo o Lemonade da Beyoncé pela 27ª vez, me veio o estalo. Um álbum visual!

Um filme que acompanhasse o EP e fosse uma obra em si, pra além do conceito do clipe. Chamei algumas pessoas de inicio pra colar junto e decidimos ir pra cima, fazer essa joça acontecer. Chamei Jhonnã pra colar na direção, elu não aceitou mas segue correndo junto como provocadore. Chamei Armr'Ore e Lai pra coreografia. Chamei Lux e Talisha pra direção de arte. Lilian e Alexys, junto com o Rafa - o amigo produtor - para direção e produção musical. Ícaro e Maurício pro roteiro e Gui na direção de fotografia.

De inicio, tomei as rédeas nas minhas mãos, e decidi que seria um líder do tipo de líder que eu gosto de trabalhar junto - proativo, organizado, sensível e justo. Mirei nas pessoas que já passaram na minha vida e fizeram esse papel lindamente, como o Zaqueu Machado, a Rejane Arruda, o Daniel Falcão, o Renan Tenca, a Maria Thais, a Alice K., o Rafael Thomazini, e mais tantas que levariam anos pra enumerar. Essas são só algumas pessoas, no caso só das artes, que passaram pela minha vida e formaram esse ideal do que é um líder foda.

Mirei alto e acertei mediocre (rir pra não chorar). Acontece que é mais fácil falar do que fazer, principalmente quando existem questões paralelas de saúde mental, saúde pública e políticas culturais correndo por trás.

Abril

Iniciamos o processo eu estava bem confiante e animado. Decidi iniciar com os workshops, que aprendi no CAC mas pra falar a verdade não sei de onde veio. Fizemos 4 workshops no total, com encontros virtuais quinzenais, e foi um período incrível do trabalho.

Cada um dos workshops nasceu de uma provocação sobre o material real que foi produzido na clínica, meu diário de internação e as poesias, músicas e desenhos de lá. Decidi trabalhar dessa forma porque, apesar de todo mundo ter um certo repertório imaginário e empírico sobre saúde mental e institucionalização, muitas coisas são bem íntimas e difíceis de compartilhar em um nível superficial. Acredito que mergulhar na realidade concreta da minha experiência com todos seria uma forma de transformar tudo aquilo em um universo em comum, de onde a gente poderia tecer um vocabulário próprio de imagens e referências.

Para iniciar esse processo, fiz uma divisão do EP, e portanto do álbum visual, em 6 partes, que representam as seis faixas contidas no EP. Elas são as seguintes:

QUEDA - música

DANAÇÃO - música "Internos"

REVOLTA - interlúdio poético

ESPÍRITOS - música "Reza"

AMOR - interlúdio poético

CURA - música

Separei esses 6 movimentos me baseando em duas coisas: o tempo de um EP (Extended Play, normalmente contém de 4 a 6 faixas, entre 15 e 30 minutos de tempo total); e a curva dramatúrgica da minha experiência real de internação.

Durante a minha internação, eu experienciei algumas fases que delimitei com essas palavras. Lógico que na vida real as coisas não são tão separadinhas, tudo é muito mais fluido e espiralado, indo e voltando várias vezes ao mesmo ponto. Mas, separando e categorizando as poesias e músicas que eu escrevi, cheguei a essas palavras chave.

Nesse período nos inscrevemos no VAI, o que também impulsionou o projeto a tomar um formato mais objetivo, mesmo nos estágios iniciais da criação. Às vezes, um pouco de estrutura ajuda muito.

Maio

Na brisa da estrutura que o edital trouxe, estruturei os workshops para serem no formato de afunilamento, iniciando de forma mais geral e ir especificizando ao longo do processo. Nossos encontros eram quinzenais, por Zoom, e o primeiro workshop foi no dia 07 de Maio de 2021. A proposta do primeiro workshop foi: “escolha uma voz do confinamento e crie uma proposta na sua linguagem sobre ela”.

A voz do confinamento poderia ser a minha, baseado no meu diário e outros materiais que deixei disponível no drive para o grupo, ou outros registros de pessoas em confinamento, como o

diário do Artaud, relatos de colegas da universidade, etc. A linguagem seria aquela que cada um estava atuando no projeto, direção de arte, coreografia, música, etc.

Nesse workshop surgiram várias referências, como a dança no espaço confinado (Piração: Lai e as paredes), o conceito de figurinos coloridos como super heróis, o vozerio que se sobrepõe para enunciar um texto (Piração: Lilian e Stela) e a ideia da coreografia marcial.

A provocação para o próximo workshop foi escolher uma das palavras chave da proposta de linha dramatúrgica e fazer um experimento em cima dela e dos registros documentais disponíveis. Aqui surgiram proposições da direção de arte sobre cenários possíveis para evocar cada momento, surgiu um primeiro esboço de cena coreográfica em vários corpos (Piração: Alexys canta Lai e Armr'Ore), surgiram algumas imagens lindíssimas que entraram para o roteiro final, e a proposta de evocar vozes como presença das pessoas amadas (Piração: Amor de Lilian).

Junho

O workshop do dia 11 de Junho foi mais focado em gerar material para ajudar a criação do roteiro, e a proposta era escolher um outro momento da curva dramatúrgica, diferente do que havia sido explorado no último workshop, e um relato, e transformar isso num registro preferencialmente escrito.

Nesse dia o Ícaro apresentou o argumento para o roteiro que estava nascendo na cabeça genial dele, com a ideia das

personagens cores e da clínica em que de repente desaparecem todos os médicos, ficando só os internos. Surgiram também outros registros escritos e algumas cenas, e o que foi muito marcante nesse dia foi a presença das cores como personagens, como atmosferas, como entidades. Isso aconteceu sem combinação prévia, e apontou um caminho muito marcante para o avanço do trabalho.

Então, no dia 16, antes do nosso próximo encontro, rolou na matéria de Projetos Teatrais, sob a coordenação da Cibele, a primeira abertura de processo do nosso grupo. Para essa primeira experiência eu segui uma sugestão dada pela Cibele de fazer um “por exemplo”, uma experiência de apresentar com o que se tem na mão agora o que seria o produto finalizado, se fosse feito hoje. Para isso, fiz um compilado de vídeos, áudios e imagens de tudo o que estava sendo produzido nos workshops, e fiz uma montagem seguindo a linha dramatúrgica que estava guiando o processo.

A montagem é tosca, não julguem as minhas habilidades de edição de vídeo! Mas foi um exercício muito bom e muito fértil para apontar os caminhos do futuro e também as conquistas do caminho até ali. (Piração: Por exemplo)

No nosso último encontro da etapa dos workshops, no dia 25, a proposta foi de criar uma célula que fosse um relato pessoal sobre o confinamento da COVID-19, com a imagem disparadora “O Bolsonaro de jaleco” e a escolha de uma cor para a cena. Aqui surgiu uma cena que também está presente quase que literalmente

no roteiro (Piração: Lilian Azul) e alguns relatos escritos muito potentes. Nesse dia também mostrei o "por exemplo" para o grupo, e foi um bom marco do nosso progresso e do tanto que foi criado naquele espaço.

Encerrados os workshops, a próxima fase do processo era escrever o roteiro, e transformamos os encontros quinzenais em encontros pontuais de abertura da produção do roteiro, isso enquanto fizemos reuniões só de roteiro comigo, o Ícaro e o Maurício.

No dia 29, Ícaro apresentou a sua proposta de curva dramatúrgica para o roteiro. Nós tínhamos conversado antes sobre a possibilidade de mudar a ordem das palavras chave, o que ficou aberto para a interpretação dos dois como roteiristas, e Ícaro nos apresentou a sua ideia em 10 movimentos.

A curva proposta por ele seguia a seguinte ordem:

TÍTULO

1º movimento: todos os funcionários sumiram, as internas acordam e encontram a clínica vazia

REVOLTA

2º movimento: festa nos corredores, as internas jogam os remédios no lixo, dançam funk e cantam nos microfones da enfermaria

AMOR

3º movimento: todas tomam sol de topless, "peladas na sacada"

4º movimento: internes trazem navalhas e bisturis com os pulsos cheios de cicatrizes. Cortam o cabelo com as navalhas, trazem pó branco que é descolorante

5º movimento: de noite, no banheiro estão customizando looks, na cozinha estão procurando comidas e bebidas e encontram um quadro de Jesus que tem bebidas escondidas atrás

DANAÇÃO

6º movimento: Azul e Cian se pegam e rola um sururu com todes, festa bacanal

QUEDA

7º movimento: Prata tem um ataque de ansiedade na festa, foco no contraste entre a dança e o caos

ESPÍRITOS

8º movimento: es internes fazem uma roda de oração em volta de Prata

CURA

9º movimento: de manhã, todes montam uma mesa de café da manhã para Prata

10º movimento: fuga da clínica

Julho

A partir desse primeiro esboço, tivemos algumas discussões sobre a estrutura e sobre possíveis alterações. Nossa primeira alteração foi mudar a Queda de lugar. Conversamos sobre questão da Queda seguir imediatamente após a Danação, e sentimos que essa ordem dos fatos poderia reforçar a ideia de que a festa, o

erotismo e a embriaguez são coisas ruins, que levam ao declínio da saúde mental.

Decidimos realocar a Queda no começo, antes da clínica, numa cena-prefácio baseada na ideia do “por exemplo”, com os documentos dos diários e desenhos vindo à cena, juntamente com a imagem do workshop da Lilian Azul na cadeira, enlouquecendo.

Mudamos mais algumas coisas de lugar, assim como debatemos bastante sobre algumas imagens. Uma das imagens que mais problematizamos foi a imagem da bebida/álcool etílico escondido atrás do quadro de Jesus. A cena de beber álcool etílico 90% direto da garrafa é uma cena real, baseada no que eu vi na clínica. A questão que tivemos foi se seria ético colocar essa cena no filme ou não, visto que algumas pessoas do grupo não tinham sequer pensado na possibilidade de fazer isso, e se isso não poderia ser um “tutorial” para pessoas em situações vulneráveis de comportamentos destrutivos.

Por enquanto, chegamos à conclusão de que o fantástico pode ser nosso aliado ao lidar com cenas pesadas e baseadas em fatos reais. Por exemplo, a garrafa de álcool etílico pode, em outro momento, se transformar em uma bebida fumegante e excêntrica que parece que saiu diretamente da Alice no País das Maravilhas. E essa alternância entre o cru visceral e o mágico pode criar uma certa camada protetora, uma forrada no estômago pra aguentar o amargor da realidade.

Mas essa solução ainda não é final. Seguimos em debate, com quem ainda segue no processo.

Setembro

Chegamos a uma versão final 1.0 do roteiro, e nos preparamos para abrir para todo o grupo.

Outubro

Talisha teve que sair do processo, por conflito de tempo com o próprio TCC dela. Então a Darlene entrou no processo para seguir com Lux na direção de arte. Abrimos o roteiro para todos e seguimos discutindo alguns ajustes. Também começamos a levantar possíveis locações para a filmagem.

Foi também aqui que o processo mostrou a sua fragilidade, incorporada no seu líder, yo! Nesse momento a minha cabeça já estava a milhão, com sentimentos e pensamentos obsessivos e autodestrutivos tomando controle da minha sanidade. Já vinha a alguns meses capotando e perdendo o pique, comecei a ficar pra trás nas matérias da faculdade, e também voltei a ficar na cama sem conseguir fazer nada.

Por conta disso, os encontros do processo se tornaram espaçados e esvaziados, tanto em quórum quanto em conteúdo. Por não ter experiência em processos de Audiovisual, eu não soube exatamente guiar o processo depois do fim dos workshops, e acabei patinando e me perdendo no meu papel de liderança. Além disso, questões pessoais e a pandemia começaram a pesar muito, e eu perdi totalmente a postura que eu lutei tanto para ter, lá no começo do processo. Apesar disso, chegamos à versão atual do

roteiro, a versão final 2.0, na qual me baseei para criar o livro que está presente aqui, nesse meu baú de tesouros.

Novembro

Foi nesse caos e nessa perdição total da minha parte que eu pedi socorro pra um amigo, o Célio, pra que ele assumisse a direção do processo, que estava sem ninguém para fazer esse papel. Direção literal mesmo de diretor de cinema, como ele é filmmaker e um artista foda, eu perguntei se ele toparia colar, e ele topou!

Com uma pessoa que sabe o que estava fazendo a bordo as coisas começaram a desanuviar um pouco, ele apontou pra onde a gente deveria correr agora e recomeçamos a tomar fôlego.

O problema então foi uma crise profunda e avassaladora na minha vida pessoal, que acabou acarretando na saída de três pessoas do processo. Um projeto em crise, liderado pela crise encarnada que sou eu, lidando com traumas profundos, acabei afundando de novo.

Entramos em férias do processo pelo fim de ano.

2022

A crise, o limite intransponível, o fim do mundo e o fim de mais uma versão de mim. Levantei da cama em... Março? eu acho, com a água batendo na bunda e a derrota absoluta batendo no peito. Tomei fôlego, e consegui enviar a mensagem no grupo de

que eu precisava me formar, antes de conseguir tocar o projeto. Seria impossível terminar tudo no prazo da faculdade, e então eu recomecei do zero.

Nasceu no embaraço das palavras e nas mãos artesãs um baú. Eu não fui capaz de realizar meu sonho em quase 3 anos pós-morte. Eu não fui capaz nem de ser artista da cena nesse tempo, eu praticamente não fui capaz de ser pessoa. Eu falhei em todos os níveis possíveis e imagináveis. Perdi amigues, oportunidades, a saúde do meu corpo, o tempo da leveza, a crença no amor e em tudo que não habita dentro das quatro paredes do meu quarto. Mas sabe o que eu não perdi? As minhas mãos.

Minhas mãos que aprenderam, numa clínica, que ser artista também pode ser simples, pequeno, íntimo. Minhas mãos que não conquistaram o mundo mas que reconquistaram a confiança da minha família tecendo cachecóis e chapéuzinhos. Minhas mãos que não fizeram fortuna mas fizeram uma renda no meio de uma pandemia com amigurumis tchutchucos.

No fim do mundo, o que eu tenho pra dizer pra Universidade de São Paulo é: eu sigo vivo, tecendo vielas nas vias bloqueadas, desviando por veias das artérias entupidas, barateando e insistindo a ser praga mesmo pregado nas solas dos pés do Bolsonaro, eu ainda assim sigo vivo, porra!

E se isso não é o suficiente pra merecer um diploma, eu ainda vou pendurar na minha parede o quadro vazio, desde que

não pendure minha certidão de óbito. Esse é o caminho que eu percorri até aqui na composição do filme.

SOBRE AS MÚSICAS

A primeira música era a que eu tinha mais delineada desde a clínica, e se chama “Internos”. Escrevi a primeira versão dela pro meu amor psiquiátrico, e sabia que era com ela que eu queria começar. Botei um programa de produção musical no meu notebookzinho e fui meter o louco.

A primeira demo foi feita todinha por *moi*, e na hora eu fiquei com muito orgulho, pensei “caramba ficou massa, mandei muito!”. Pra uma primeira vez eu realmente achei muito legal. Aí levei ela pro Rafa. Ele faltou dar risada da minha cara. Mentira, ele gostou, falou que pra uma primeira vez ficou bem legal. Mas eu percebi na cara dele que ele também achou engraçado, principalmente uns efeitinhos meio uó que eu botei pra dar um tchans.

Acontece que eu não esperava, mas colaborando com o Rafa, a música deu um 180° e mudou quase que completamente. As duas versões estão aqui nesse trabalho e talvez você já tenha ouvido, são as Pirações “Internos” e “Internos 2.0”. Se você quiser ir ouvir pra comparar e talvez dar umas boas risadas da minha cara, fica a sugestão!

A segunda versão da “Internos” nasceu em colaboração ativa, eu reescrevi quase que a letra inteira ouvindo o feedback do Rafa, e ele pegou a ideia da demo que eu fiz e refez todo o

instrumental. Água e vinho, a coitada da minha demozinha não teve nem chance. Mas a nova versão ficou incrível! - modéstia a parte. Eu realmente amei e fiquei muito feliz.

E então partimos pra segunda música, "Reza", que também está disponível aqui, na Piração "Espíritos". Essa música também nasceu completa, letra e melodia, lá na clínica. Ela surgiu de um silêncio contemplativo em frente à lua cheia, da frase que me apareceu: "silêncio de espíritos". Daí ela foi se desdobrando. Algumas vezes as coisas vem meio que por download, uma experiência doida e difícil de explicar. Outras vezes elas são artesarias, esculpidas passo a passo, na tentativa e erro.

Acredito que, em ambas as situações, tudo o que é fruto da criatividade é uma conversa que temos entre a nossa voz e as vozes dos espíritos que convocamos pra estarem com a gente. A diferença pra mim é que quando as coisas vem quase que por download eu sinto como se estivesse caminhando de olhos fechados no território comandado por forças além de mim. Nessa caminhada eu caio nos buracos que preciso cair e escapo pela intuição e pelo que meus sentidos me dizem. Os espíritos me guiaram.

Já quando a criação é mais consciente ela é uma caminhada de olhos abertos. Eu vejo o que me cerca, às vezes me perco, mas evito os caminhos sinuosos e esburacados e acabo tomando a rota mais longa, convocando com as palavras e as mãos os espíritos que me cercam. Às vezes, esse processo leva anos. É o caso.

Em dois anos e meio temos 2 músicas finalizadas, uma em processo e um interlúdio poético em processo. As músicas finalizadas vieram por download e quase que se desenrolaram sozinhas. As outras pedem o meu esforço consciente. E por mais incrível e delicioso que seja o processo, ele também é cansativo e penoso, principalmente nos tempos caóticos e tristes que estão aqui hoje.

A terceira música, "Cura", é uma que foi um pouco diferente. Foi esse caso de música escultura, que você vai aos pouquinhos revelando o que é. Diferente do que eu normalmente faço, eu comecei pela melodia. Normalmente, por ser poeta, eu crio a letra primeiro. A cadência das palavras chama a melodia, e a coisa vai andando.

Dessa vez, eu fiz o contrário. Eu sabia que queria um funk, sabia que queria uma música que fosse se transformando ao longo do tempo, e que queria uma mudança de tempo no meio dela, indo de um tempo mais lento pra um mais rápido. Abri meu programa de novo, e saí fazendo de novo. Igual a primeira só que dessa vez sem saber pra onde estava indo. Por incrível que pareça, ficou bem melhor!

Dessa vez, senti mais confiança no que eu estava fazendo porque eu passei muitas horas observando o Rafa trabalhar, e tentei copiar / emular o que ele faz. Depois de fazer um trechinho, levei pro Rafa ver e dar a mexida dele. Ele, de novo, manda muito bem, e refaz boa parte do instrumental, principalmente coisas que eu não tenho competência pra fazer,

tipo tocar piano. Ficou lindo. As duas versões também estão aqui, nas Pirações "Cura" e "Cura Demo".

A letra e melodia de voz ainda não existem. Ela segue em processo.

Além das três músicas nós também começamos, eu e o Rafa, o processo de criação da trilha de um dos interlúdios poéticos, o "Revolta". A trilha foi quase toda criação do Rafa, em cima de alguns trechos de poesias que eu escrevi e que ainda não defini a forma final. Também está disponível na Piração "Revolta demo".

Por enquanto, as coisas estão paradas enquanto eu termino esse trabalho, pra me formar e depois seguir trabalhando. Talvez levem mais alguns anos, mas meu sonho ainda é meu sonho. Eu descobri ele com o meu amor, lá no Purgatório. E é esse o caminho que eu percorri até aqui na criação das músicas.

Pensamentos de um capitão naufragado

Aproveitar cada perda do caminho. Essa é uma frase que me surgiu na criação poética, lá dentro da clínica. Lembro de escrever uma poesia triste enquanto assistia o filme “Para Sempre Alice”, que passaram lá pra gente numa tarde. O filme era muito triste, contava a história de uma mulher que tinha Alzheimer precoce. Sabendo da doença, ela preparou um vídeo tutorial para ela mesma do futuro, explicando como realizar o seu suicídio.

O suicídio do filme era igual o meu, com uma overdose de remédios. Infeliz ou felizmente, a tentativa deu errado, porque a Alice do presente já não era mais capaz de seguir as orientações dadas por ela mesma do passado, e ela seguiu viva. O filme acompanhava todo o declínio mental dela e o sofrimento que isso causava tanto na família quanto nela mesma.

Nós, como público, também nos sentíamos desconfortáveis, porque tínhamos uma comparação direta entre a Alice do passado - inteligente, autônoma, produtiva - e a Alice do presente, que era uma sombra do que ela havia sido. A narrativa do filme tenta nos convencer de que, naquele resto de Alice, ainda existia a essência da mesma pessoa, e que a vida dela ser prolongada até o seu final natural era um final “feliz”.

Essa narrativa era recorrente na clínica. Lá existia uma proibição velada a tudo que pudesse ser considerado “infeliz”, “triste” ou “fracasso”. Em todas as sessões de terapia em grupo, aquela positividade tóxica transformava qualquer tipo de conversa mais aprofundada em tabu. Foram poucos os grupos em que realmente

conseguimos falar sobre o lado mais denso das coisas sem sermos podados imediatamente pela equipe terapêutica.

A narrativa da positividade tóxica tem esse nome por um motivo. Não reconhecer o fracasso, nem sequer conceber a ideia da derrota e silenciar as vozes do desespero e da depressão, têm consequências bem pesadas. Quando não é permitido externalizar o lado sombrio, ele nos sufoca por dentro. Somos seres de luz e sombra, a pulsão de morte também é parte fundamental da nossa existência.

Buscar ser um “ser de luz” 100% do tempo, a qualquer custo, é negar uma parte fundamental da nossa condição como seres humanos. Eu passei muito tempo da minha vida vivendo sob o regime da positividade tóxica, do silêncio, de passar por cima do que existia de abismo dentro de mim. Pode ser difícil de acreditar pra quem me conheceu na fase da faculdade, onde eu explorei outros lados da minha personalidade, mas durante a maior parte da minha vida eu fui um completo capacho.

Me deitava no chão e estendia o tapete vermelho sobre o meu corpo pra que as pessoas pudessem me pisotear, com minha permissão e meu convite. Eu engoli todas as águas turbulentas para manter uma superfície tranquila, capaz de espelhar as projeções des outros. O problema é, se eu sou uma pessoa com transtornos mentais, é possível separar essa parte da minha personalidade daquilo que me define como pessoa? Se eu retirasse o transtorno com as minhas mãos, eu ainda seria eu? A minha identidade existe apesar disso, ou a minha identidade é uma amálgama dos meus anjos e demônios onde os contornos entre o celestial e o infernal não são definidos?

Por muito tempo eu pensei que eu era um monstro. Uma existência desgraçada, encarnada na Terra para ser e trazer angústia e sofrimento. E então eu separei minha identidade em duas, minha essência - podre, nojenta e monstruosa - e minha máscara - leve, divertida, capaz de atingir as expectativas de todos.

Depois de anos vivendo sob esse regime, e sentindo a corrosão do meu monstro se aproximando cada vez mais da superfície com o bafo quente de um predador faminto, as rachaduras se tornaram tão grandes que as águas profundas romperam a barragem e inundaram todo o meu ser. Essa inundação foi a pessoa que eu me tornei na faculdade.

Passei a externar toda minha frustração, minha sede de sangue e minha podridão de uma vez só. A descoberta de traumas incrustados no inconsciente potencializaram a força da correnteza que afogou completamente a minha máscara. Passei de Yin a Yang sem graça nem cortesia, foi violento para mim e para os outros.

Quando a faceta de Kali tomou posse do corpo de Parvati, o monstro foi o que quem me conheceu de 2017 pra frente viu. Perdi o controle tão completamente do instinto sanguinário que se apossou de mim que recorri ao assassinato. Por não poder derramar o sangue dos meus demônios incorpóreos, que só existem no fundo da minha memória e do meu corpo, eu derramei meu próprio sangue.

Me tornar Kali foi, como previsto, uma temporada de destruição. Mas Kali só surgiu porque Parvati é uma Deusa, e eu não sou. Tampouco sou um monstro, eu sou um ser humano. E nós, seres humanos, somos eternamente esse cordão em tensão máxima, puxados para dois extremos ao mesmo tempo.

A positividade tóxica é uma das facetas do suicídio, do homicídio, da guerra, do ódio. Elas retroalimentam como a energia cinética e a energia potencial. Na clínica, a positividade tóxica, o absolutismo da luz, o sorriso enfiado goela abaixo se tornam os nós na garganta, o lado escuro da Lua, o teor e a potência da Aqua Tofana.

Alice, do filme, mesmo em estado de demência, segue sendo um ser humano. Segue sendo uma existência dual, capaz de gerar vida e encerrá-la. Para mim, enjaular o instinto destrutivo da existência humana no profundo calabouço do silêncio é o mesmo que alimentá-lo. Vender a vida como eterna resposta certa e secar todas as lágrimas também aumenta a sede da morte e do vácuo.

Toda vez que paro pra pensar sobre suicídio, eutanásia e finais felizes eu me faço essa pergunta: vale a pena prolongar a vida a qualquer custo? Vale a pena seguir vivendo até o final da sua vida biológica, mesmo que a sua alma, seu fogo de vida, já esteja morto e enterrado? Vale a pena seguir sendo uma sombra de si mesmo para tranquilizar a sede de mortes “naturais” das pessoas ao nosso redor?

Eu não sei. Esse ano de 2022 morreram 3 idosos da minha família. Um estava de cama e parecia um esqueleto de tão magro - meu tio avô. Uma tinha Alzheimer avançado e nos últimos meses da sua vida uma dor física imanejável por conta do seu pé, que teve que ser amputado eventualmente, mesmo isso sendo absolutamente contra os princípios dessa pessoa, que era evangélica raiz - minha tia avó. O outro estava em depressão profunda e já tinha planejado o suicídio chegando a ter força na árvore do quintal e data, mas foi medicado com remédios psiquiátricos e viveu debilitado e dependente por mais alguns meses de sofrimento até morrer - meu avô.

Todas essas mortes já são, em algum nível, normais pra mim, que me acostumei a lidar com mortes frequentes na minha vida desde os 17 anos. Mas a forma como elas aconteceram me fazem refletir. Por que a resposta certa é sempre prolongar a vida a qualquer custo? Mesmo que essa sobrevida seja cheia de dor e sofrimento? Quem é egoísta, a suicida ou quem a impede?

Viver é tão humano quanto morrer. Às vezes, matar e deixar morrer me parece mais humano do que ligar a vida a um cabo de energia artificial, pelo desespero de quem não está moribundo mas não quer pensar sobre o assunto e olhar nos olhos da mortalidade. A morte assusta porque nossa sociedade é doentamente positiva.

O símbolo da energia positiva, expansiva, para fora, fálica, percorre nossa vida em absolutamente todos os âmbitos, enquanto a energia negativa, embucetada, introspectiva e negra como os grandes abismos cósmicos que sugam até a gravidade precisa ser confinada e retirada do alcance dos olhos.

Em 2016 eu fiz uma peça chamada “Colônia”, que falava sobre o hospital psiquiátrico de Barbacena - MG, onde um genocídio aconteceu. Lá dentro eram postos os loucos e enlouquecidos, revoltados, transgressores, pobres, pretes, putas e tudo que era considerado fora da ordem e do progresso.

Antes da Lei Antimanicomial, que é de 2001 (sim, pois é, manicômio não é uma coisa medieval esquecida no passado, é contemporâneo), a estrutura manicomial era permitida e difundida no nosso país. Lá no Colônia, que durante um período foi o maior manicômio do país, a sua entrada significava que você só sairia de lá num caixão.

As internações de longo prazo (que na prática significavam vitalícias) eram permitidas e sugeridas pelos profissionais da época. Dentro do hospital, todo tipo de violação de direitos humanos eram de praxe, o “tratamento” se resumia a inanição, uso de barbitúricos e sedativos para retardar as funções cognitivas dos pacientes, abuso físico, psicológico e sexual, exploração do trabalho escravo das internas e venda dos corpos e restos mortais para diferentes fins científicos (no auge da mortalidade do Colônia morriam cerca de 16 pessoas por dia lá dentro).

Tudo isso era financiado e aprovado pelo governo estadual de Minas e o governo federal. Todas essas informações aqui estão disponíveis em vários documentos da época, relatórios e relatos, mas uma fonte bem compilada e que serviu como base de estudo do nosso processo criativo na época é o livro da jornalista Daniela Arbex, “Holocausto Brasileiro”. É uma leitura amarga, mas importante.

Por que eu estou falando sobre o Colônia? Por um motivo simples, o Colônia é um caso símbolo da forma como a nossa sociedade positivista (nos sentidos coach quântico e científico também) lida com suas sombras. A loucura é confinada, a morte é escondida por trás dos muros altos do cemitério, somos condicionados para ver apenas o lado brilhante da Lua, tudo isso é feito para que nos mantenhamos nessa mentalidade que recusa a sombra.

O Colônia chegou a ser um símbolo tão grande de tudo isso que o próprio Foucault visitou o lugar, o mesmo filósofo que discute o uso dos panópticos para Vigiar e Punir em nossa sociedade.

Quando fiquei sabendo disso, fui pesquisar mais e topei com o livro “História da Loucura”, do Foucault. Lendo ele, lá em 2016, aprendi muito sobre como foi feito esse processo de confinamento e apagamento da loucura ao longo da História. Em certo ponto, a loucura era aceita como parte integrante da sociedade, assim como a morte era parte integrante da vida, e a violência era parte integrante da benevolência.

Porém, com o avanço do Capitalismo e da mentalidade de que só é cidadão válido para a sociedade aquele que é capaz de produzir riqueza, todos esses aspectos humanos que operam em outro tempo, no tempo da letargia, no tempo interno de uma cabeça que vive sua própria realidade, tudo isso passou a se tornar indesejável.

Como o contato com essas facetas da humanidade nos lembra de que somos seres de luz e sombra, o Capitalismo necessita suprimir e isolar essas sombras encarnadas para que aqueles que estão à sua volta não percam o foco na produção, que é necessária para o sistema girar.

A energia que o Capitalismo precisa é a energia positiva, que luta contra a gravidade e favorece a velocidade, é isso que permite a produção e consumo desenfreados. A energia negativa, que se entrega para o chão, que é lenta e contemplativa não serve aos propósitos do sistema econômico. Tudo o que se relaciona com essa energia, portanto, precisa ser neutralizado.

Inclusive, no livro, descobri um fato muito interessante. Os primeiros sanatórios, como diz o nome, foram construídos originalmente como sanatórios para leprosos. A lepra, a putrefação em vida, precisava ser isolada por motivos de saúde pública. Depois do desaparecimento da lepra como força avassaladora da morte, os

sanatórios ficaram vazios, e se tornaram o lugar de destino dos lazarentos mentais, a putrefação da mente em vida.

O problema de se isolar tudo o que é energia negativa e mortal da sociedade e criar essa sociedade solar é que se ignora o fato de que viver e morrer são duas qualidades da mesma existência. Somos heliocêntricos hoje, acreditamos que no centro de tudo está a luz, mas ignoramos que o que está no centro da galáxia não é uma estrela gigante - é um buraco negro super massivo.

No centro dos maiores conglomerados cósmicos de astros luminosos e astros refletivos está o maior gigante da energia negativa. Toda galáxia tem no seu centro um buraco negro - e não uma estrela. Ignorar a existência daquilo que necessariamente nos faz seres humanos e tentar nos comportar como se fôssemos deuses, seres de luz, Parvatis, só leva ao aumento da potência do caos interior.

Isso significa que eu estou aqui pra justificar e passar pano pra violência gratuita, pro extermínio de populações inteiras, pras mazelas da sociedade como algo natural? Não. O fato de que hoje existem bilhões de pessoas passando por todas as provações e privações da existência, enquanto uma pequena parcela aproveita todas as belezas e as riquezas, esse fato é um sintoma da nossa sociedade heliocêntrica.

Esses bilhões de pessoas sustentam nas costas toda a estrutura da sociedade. O extremismo da luz só pode existir com a mesma potência da sombra que ela projeta. Hoje, no mundo em que vivemos, nosso hiperfoco da positividade recusa o negativo e condena todo o resto do mundo a sustentar a intensidade do seu duplo.

Olhar para a morte, o fracasso, o impossível, o nojento, a desgraça, e ver em tudo isso a mesma natureza e sacralidade que se vê na vida, na vitória, no milagre e

na beleza é necessário. Confinar es enlouquecides longe das vistas des sãos, marcar com ferro em brasa es maus para ressaltar as virtudes des bons, impedir de morrer a qualquer custo tudo aquilo que hoje respira, é condenar o preço a ser pago por alguém e algo, desde que longe da sua consciência.

Morrer é sagrado, ligar a vida na tomada pra dar a ela a energia que já não existe mais ali, pelo bem da luz, do positivo, do externo, leva necessariamente ao derramamento de sangue em outro lugar. Alguém sempre vai pagar.

Não quero passar a impressão com esse texto de que estou romantizando as coisas ruins, nem de que a Medicina seja ruim e que todo mundo deve sofrer o que tem que sofrer sem receber nenhum tipo de interferência externa. Não, não é nisso que eu acredito. Sou grato por ter sido resgatado e por ter recebido mais tempo em vida. Mas como tudo no mundo, as coisas não são simples, nem nunca são preto no branco.

Nem sempre preservar a vida é a melhor opção, assim como nem sempre permitir a morte é a melhor opção. Todas as escolhas levam a uma negação das outras possibilidades, e esse é o dilema do ser humano. Como saber quando é que devemos interferir e quando devemos aceitar o curso da destruição?

Eu não tenho respostas pra essa pergunta. Mas em 2020 assisti um documentário que me fez pensar muito no assunto. O filme se chama “O último Xamã”, de Raz Degan, e estava (não sei se ainda está) disponível na Netflix. Esse documentário conta a história de um rapaz jovem que tem uma depressão profunda e resistente a tratamentos. Ele já tentou várias medicações, psicoterapeutas, terapias complementares, terapia ocupacional, medicina alternativa, eletrochoque (sim,

eletrochoque ainda existe e é utilizado em tratamentos psiquiátricos), ele já tentou de tudo, e nada deu resultado.

Então ele fez um acordo com a família dele, ele viajaria para o Peru para buscar uma experiência com a Ayahuasca. Ele escolheu ir para o Peru porque, como ele já havia tentado de tudo, ele não queria uma Ayahuasca zuada de gente badabauê que usa sabedoria des outros pra ganhar dinheiro, então ele buscara direto na fonte. Se a experiência com a Ayahuasca não funcionasse ele se mataria, e a família não iria impedir. Elas firmaram esse acordo.

Ele então vai para o Peru, onde ele tem 3 experiências com a Ayahuasca. A primeira experiência é em um centro espiritual enorme, cheio de turistas, com Xamãs falantes de inglês e uma proporção muito maior de brancos que locais. O próprio protagonista do filme é branco, então, apesar dos sinais, ele só vai. O atendimento do centro é bem bizarro, bem com cara de “pega turista”, e o tratamento é cobrado.

Por experiência de pesquisa própria, o James (o nome dele é James) sabia que ele não podia misturar a Ayahuasca com os remédios psiquiátricos, então ele iria ficar 15 dias no centro fazendo uma desintoxicação dos seus remédios pra poder tomar a Ayahuasca com segurança, tudo acordado com os donos do lugar, que cobravam a diária.

Mesmo sem poder beber o chá, ele participa do ritual à noite, para observar como ele se sentiria naquele ambiente. Logo na primeira noite, um moço que havia chegado com ele no centro decidiu beber o chá, mesmo não tendo feito o detox ainda. Os Xamãs concordaram. Contanto que ele pagasse, tudo bem. O moço bebeu o chá, teve uma reação horrível, e morreu. Ali, na frente do James.

Vendo essa cena traumática, James decide que não é ali que ele quer experimentar a Ayahuasca e sai daquele centro, sentindo-se ainda mais deprimido do que quando entrou. Ele continua buscando um novo lugar, e topa com um Xamã estadounidense diretamente do Kentucky, que diz para ele que “verdadeiros curandeiros não cobram”. Tendo se conectado com ele, por ser um conterrâneo, James decide seguir esse Xamã e se envolver com o tratamento pelas mãos dele.

Eles vão até o rancho onde esse Xamã mora, no meio da Floresta Amazônica. Lá, ele conhece um pouco mais sobre o modo de vida desse homem. Ele descobre que o Xamã ganha a vida de uns jeitos meio suspeitos, tipo promovendo rinha de galo ilegal, uns envolvimentos com agiotagem, e que também vende a Ayahuasca para outros revendedores. Mesmo assim, James decide passar alguns dias ali, pra se preparar para o ritual. Mas, no segundo dia, o Xamã gringo praticamente expulsa ele de lá, e diz que vai precisar do espaço pra poder expandir alguns negócios. Mesmo sem cobrar, James sai de novo de mão abanando.

Meio perdido e sem muita fé, ele escuta de um morador da região sobre um vilarejo ali perto, do povo Shipibo, que é um povo originário local, onde existem Xamãs que trabalham com a Ayahuasca. James então decide ir até lá, já como último recurso. Caso esse lugar não tenha o tratamento que ele está procurando, ele vai voltar para casa e dar cabo da sua vida.

O vilarejo é de difícil acesso, então ele precisa da ajuda de canoeiros locais para ir até lá. Chegando no vilarejo, ele conhece um Xamã chamado Pepe. O Pepe fala um pouco de inglês e o James arrisca um pouco de espanhol, eles conseguem se comunicar do jeito deles. De início é perceptível que o vilarejo não está acostumado

a receber estrangeiros. James chama bastante atenção, e Pepe só aceita tratar ele depois de conversar e sentir que existia ali uma conexão.

O tratamento, bem diferente das últimas tentativas, não vai direto para a etapa da Ayahuasca. Primeiramente, James passa a viver no vilarejo e interagir com as pessoas dali, sempre conversando com o Pepe todos os dias sobre todos os tipos de assuntos, sobre filosofia, sobre saúde mental, sobre a Ayahuasca.

Pepe explica para James um pouco sobre a sua relação com a Ayahuasca, e conta que na realidade a Ayahuasca é um espírito, e que foi o próprio espírito das plantas que ensinou aos humanos o preparo do chá.

Em contato com a cosmovisão de Pepe, James começa a se questionar sobre a sua espiritualidade, sobre o espaço dela na sua vida e sobre a sua relação com o mundo. Pepe conta que todas as plantas, animais e criaturas têm espírito, e que aprender a se comunicar com as plantas faz parte do processo de cura da Ayahuasca.

Em certo momento, Pepe faz uma experiência com James, e o coloca debaixo da terra por uma hora, somente com um espaço sobre o seu nariz pra que ele pudesse respirar. Lá ele fica sentindo os animais que percorrem por debaixo do solo, a umidade da terra, os sons e os movimentos do chão.

Durante todo o processo é possível ver que os dois acabam criando um laço profundo de amizade e respeito, e que conforme os dias vão passando, Pepe realmente acredita que James tem o potencial para conhecer a sabedoria da Ayahuasca.

Então se inicia o processo do contato com a Ayahuasca. Pepe propõe uma experiência de longa duração, 45 dias de isolamento total. O James deveria ficar todo

o período dentro de um quarto, sozinho, se alimentando apenas de peixe e arroz, sem tomar nenhum remédio e nada além de água e Ayahuasca. Durante esse período, o Pepe diz que o espírito da Ayahuasca poderá se comunicar diretamente com o James, e que se ele fosse capaz de ouvir o espírito do chá, ele poderia finalmente experienciar a verdadeira cura pelas plantas.

Acompanhamos nesses 45 dias as reflexões solitárias do James num vídeo diário que ele mantém. Ao longo dos dias vemos o seu corpo realizar o expurgo de toxinas, e o seu estado de meditação se tornar cada vez mais presente, até que ele nos conta que, de fato, recebeu a visita do espírito da Ayahuasca, e que esse contato com o mundo espiritual o fez perceber a vida a partir de outra perspectiva.

Depois de toda a sua Odisséia ele sai da clausura, transformado. Nas conversas com o Pepe percebemos que os dois dividem um tipo de sabedoria que nós, que só somos espectadores de tudo, não somos capazes de compreender completamente. Eu não conheço o espírito da Ayahuasca e nem converso com espíritos de plantas. Mas é possível ver a transformação profunda que essa experiência causou no James. O seu semblante é diferente, a forma como ele respira é mais profunda, e ele nos diz, pela primeira vez, que acredita que o suicídio pode não ser mais a única solução.

E então, nesse ambiente de amizade e laços formados, testemunhamos uma grande reviravolta. O mesmo grupo responsável por aquele primeiro centro espiritual, onde o rapaz morreu, chega ao vilarejo e oferece aos locais uma certa soma de dinheiro para tornar aquele lugar um polo da Ayahuasca na Amazônia peruana.

Pepe é radicalmente contra a ideia, e se opõe diametralmente ao plano de comercializar a sabedoria local e transformar o vilarejo num ponto turístico. Ele não tem chance diante da oferta e do poder do grupo, e acaba expulso do vilarejo.

No fim da sua jornada, James volta para casa com um dilema dentro de si. A experiência de uma sabedoria ancestral transformou completamente a forma como ele encarava a própria vida e os seus transtornos mentais. A espiritualidade abriu portas possíveis pra sua existência no mundo, e os laços criados com Pepe fundaram nele uma raiz profunda de onde é possível caminhar para a cura.

Porém, a farsa da colonização espiritual chegou, e também transformou a forma como ele vê a possibilidade de se cultivar a espiritualidade em espaços de comunhão, num mundo onde a produção se sobressai ao cultivo.

No final do filme vemos um pouco sobre a vida de Pepe, que se mudou para uma cidade, onde segue atendendo como Xamã nas casas das pessoas, mas pouco sabemos sobre a sua vida agora, depois de ser expulso do vilarejo.

Eu assisti esse filme em algum dia de 2020, quando o meu quarto virou meu mundo. Me identifiquei com a jornada do James em vários níveis, a vontade de morrer e o desespero da família de te manter vivo, o tratamento que sai pela culatra - antes de ir parar na clínica eu comecei um tratamento com um psiquiatra, mas o remédio deu efeito rebote e acabou piorando minha ideação suicida - , a espiritualidade como via possível e o conflito com a realidade do mundo que sufoca a sabedoria.

Assim como James, essa comercialização de sabedorias também me sufoca. Retirar uma coisa de seu contexto específico e tentar enquadrá-la em outro contexto

completamente diferente e oferecê-la como produto é uma das coisas que me foram muito violentas na Academia, por exemplo.

Eu não acredito que a arte seja cientificizável. Tentar aplicar métodos, critérios e visões científicas sobre a arte é extremamente violento. A Academia me pede artigos, fichamentos, análises objetivas, estudos estruturados pelos mesmos padrões que os herdados pelas tradições europeias de Ciências, me pede uma formatação enlatada, me pede uma adequação a uma visão objetiva que é totalmente oposta a mais subjetiva das sabedorias humanas - a arte.

Assistir a produção artística dentro da Academia é uma experiência quase tão absurda quanto assistir o Dr. Frankenstein dar vida ao seu monstro feito de retalhos de pele que não se misturam debaixo das costuras. Qual o sentido de produzir arte debaixo do microscópio analítico de Doutores e Pesquisadores sendo que a arte não é capaz de se adequar ao método científico?

O método que se define pelos critérios da reprodutibilidade, da exatidão e da comprovação e negação de hipóteses sob critérios observáveis e objetivos. Se eu copiar o método Stanislavski perfeitamente igual, tim tim por tim tim, sabe o que eu vou produzir? Não será Stanislavski. Porque a essência da arte é a originalidade, o metafísico, aquilo que está além da reprodução e da lei absoluta.

Mesmo que eu e você toquemos a mesma sinfonia de Beethoven perfeitamente, no mesmo instrumento, com a mesma partitura, não iremos produzir a mesma coisa, porque a minha singularidade sempre vai estar dissolvida naquilo que eu faço enquanto artista. Mesmo que nós façamos exatamente o mesmo texto dramático

exatamente do mesmo jeito todas as noites, duas apresentações nunca serão as mesmas.

Tratar a arte como ciência, para então poder reduzir a sua singularidade a uma fórmula e então poder produzir artigos e artigos e artigos analisando aquela obra, no Capitalismo Acadêmico que cobra produção em série como métrica de sucesso, é matar o que faz da arte, arte.

É por isso que, mesmo aqui, no meu baú, eu sou total e completamente anti-acadêmico. A ABNT não é capaz de dar conta de obras em que a forma e o conteúdo estão completamente integrados. Se esse baú não fosse um baú, se todos os textos aqui presentes não fossem apresentados da forma que eles são, e fossem apenas um .pdf formatado para agradar os detentores do Conhecimento, não seria o que ele é - arte.

Eu não sei fazer ciência. Eu respeito e acredito na ciência, mas não sou cientista. Eu sou artista. Não caibo na Academia, quer ela queira quer não.

Todas essas questões, da plastificação de um saber não-científico, da tentativa de reproduzir aquilo que é por essência sempre original, da tentativa da venda da espiritualidade, da arte, da sabedoria, da tradição, todas essas questões me tocaram enquanto passei pelas minhas próprias vivências e enquanto assistia o James passando pela sua jornada.

Eu ainda não sei resolver nenhum desses dilemas, mas uma coisa que eu realmente penso muito é que, assim como a espiritualidade do Pepe não habita o tempo do Capitalismo, a morte também não. E é por isso que essas coisas são transgressoras, e por isso são excluídas do convívio social.

A morte não tem espaço no Capitalismo. No máximo seus 2 dias de luto do trabalho e pronto. Morrer deve ser rápido e eficiente, para poupar recursos e acelerar o produtivismo des vives. Viver é bom, morrer é ruim. Pensar na morte te atrasa pra bater o ponto, então não veja nem lide com a mortalidade, viva viva viva!

Eu não acredito que preservar a vida sob qualquer custo seja realmente a melhor opção em todos os casos. Eu não acho que o suicídio seja esse crime imperdoável contra Deus e o mundo. Uma das coisas que mais me engatilha desde que eu me entendi como suicida são aquelas pessoas que nos chamam de egoístas, que dizem que isso é pecado, que nosso pós vida vai ser cheio de tortura e desespero por termos nos matado, que só existe uma resposta e a resposta é viver até o fim, mesmo que isso signifique uma existência de sofrimento.

Por que esse fascínio com manter as pessoas com os pés em cima da brasa e chamar quem se retira de covardes? Por que essa convicção toda de que Deus odeia os suicidas e vai torturar elus até o fim, em vida e em morte? Quem é que sabe tanto de Deus assim pra ter toda essa certeza?

Antes de ir parar na clínica, em 2019, eu estava tentando. Estava pedindo socorro, literalmente, pra minha família, e fomos procurar tratamento. Passei por várias terapeutas pra tentar conhecer alguém que desse certo, e numa dessas fui numa terapeuta pra conhecer ela, aqui na minha cidade.

Chegando lá, contei que estava com ideações suicidas e pensava nisso o tempo todo, e ela literalmente, sem exagero, fez o seguinte:

- Olha só pra sua postura
-

- Você está encolhida, toda tensa aí na cadeira. Se espreguiça.
-
- É sério, se espreguiça.

Marine se espreguiça com timidez e desconforto.

- Viu? Não melhorou?
- ...ahã
- Sabe o que você faz quando estiver se sentindo mal?
- ...não.
- Dê de ombros. Dê de ombros, assim ó. (*Ela dá de ombros*) E pronto. Se alguém disser alguma coisa que você não gosta, dê de ombros!
- ...
- Sabe o que vai acontecer se você se matar?
-não?
- Você vai para o inferno. Porque Deus não gosta de quem se mata. Você vai sofrer muito mais do que você tá sofrendo aqui. Você acha isso ruim? Vai ficar pior. Ao invés disso, eu vou te mostrar o que você tem que fazer.

A terapeuta pega o celular e começa a procurar alguma coisa. O tempo passa, 10 minutos, 20 minutos, 30 minutos. Marine não sabe quanto tempo passa, mas parece uma eternidade. A terapeuta procura algum vídeo, e de vez em quando dá para ouvir o som de um deles começando a tocar, ela nega com a cabeça e continua descendo a tela. Até que, depois de um incontável tanto de minutos, ela acha o que procurava. Com uma expressão de satisfação, ela pausa o vídeo e recoloca do começo.

- Eu vou te mostrar o que você faz quando alguém fizer alguma coisa que você não gosta.

Ela vira o celular para Marine e mostra um vídeo.



- É isso! Você se espreguiça, dá de ombros, e manda se foder! (*Ela fala o palavrão baixinho como uma criança*). Entendeu? Bom, foi um prazer te conhecer!
- Prazer.
- Te vejo semana que vem?
- ...vou falar com a minha mãe.
- Então tá, te espero tá bom?

Essa cena, com todo seu absurdo, seus toques de crueldade, seu humor refinado e o nível de nonsense que você esperaria de uma cena teatral, é da vida real. Aconteceu de verdade. E não foi a única sessão absurda que eu vivi. Mas essa me feriu profundamente, porque escancarou o quanto de deboche as pessoas têm pelas pessoas com transtornos mentais.

Debocham, tiram sarro, dão risada do pedido de socorro e passam por cima do corpo quando o pior acontece, ainda comentam de canto com o cadáver ainda quente “que egoísta, morreu na contramão atrapalhando o tráfego”.

Eu gostaria de dizer para es mensageires de Deus que cospem o julgamento divino com a mesma facilidade que cospem um pedaço de gordura que pegou no dente no meio do churrasco, eu gostaria de dizer: vão tomar no meio dos vossos cus. O julgamento de Deus não é da sua conta.

Ninguém tem o direito de me dizer o que Deus pensa ou deixa de pensar sobre mim, ninguém sabe a punição ou o acalanto que vem depois da triste morte de um suicida, e eu me recuso a acreditar no seu deus ditador que pede saudação e temor dos seus soldadinhos “*Heil Jeová*”, de crucifixo no pescoço e chicote na mão.

Vocês são hipócritas que gostam de zombar do sofrimento alheio e usam Deus de degrau pra se colocar acima das outras pessoas. Vocês não temem Deus, vocês reduzem Deus a pequenezas das suas cabecinhas pra conseguir ver o mundo da mesma altura dos olhos D(d)elu.

Eu não devo uma centelha de justificativa da minha fé e das minhas feridas pra nenhum de vocês. Enfie o vale dos suicidas no seu rabo e reza pra deus tirar. Peço desculpas leitora pela explosão, mas a ferida é profunda e quando jogam sal a reação natural do meu corpo é morder essa mão como um cachorro raivoso.

Eu reaprendi a viver única e exclusivamente pelo amor de Deus. Pela materialização do seu amor no amor da minha família, pelo cuidado materializado nos meus tratamentos, pelo acalanto materializado no abraço des meus iguais, na sua

presença pulsando através do brilho da Lua, e até na renovação da fé encarnada nos demônios que tomaram o meu corpo.

Deus fala comigo e eu falo com Deus. Não preciso de mensageiros autointitulados. A Lua fala comigo, e fala a língua de Deus. Como o James, a única possibilidade de existência que não seja o suicídio surgiu pra mim através da fé. Eu não conheço o espírito da Ayahuasca, mas o espírito da Lua conversa comigo toda noite.

A espiritualidade, quando é real, não precisa do espetáculo. E isso não é uma crítica ao ritual, eu amo rituais, eles me tocam e me movem profundamente. Mas no inferno, bastou o cordão de luz entre eu e a Lua pra que eu sentisse o caminho do espírito se abrir.

Existem sabedorias no nosso mundo que acabam sendo soterradas pela quantidade de falsos profetas e Igrejas com lojinha na porta, que vencem em quantidade e projeção de milhão a zero os espaços e pessoas que propagam o contato real com os espíritos.

Todo espaço de fé, até os de fachada pra esquemas milionários de lavagem de dinheiro, contém mesmo que seja um tiquinho de centelha do fogo de vida de Deus. Eu sei disso porque a minha vovó, que sempre foi católica, dedicou os últimos anos da vida dela pro louvor diário de Deus - através do Padre Robson do Pai Eterno. Pra quem não conhece a peça, o que eu acho difícil, é o bonito que roubou milhões, gastou com putaria, armas e fazendas e foi caguetado por uma corrente de pessoas que estavam tentando ganhar uma grana em cima do pederasta.

Não existe pessoa mais vazia de Deus do que ele (talvez a Flor de Lis). Mesmo assim, no simulacro do simulacro do simulacro de Deus, a centelha presente foi suficiente pra aquecer a fé da minha vovó e preencher o coração dela de felicidade e comunhão com Deus. Minha vó foi feliz e foi fiel a espiritualidade dela até o fim.

O mundo nunca é simples, e as respostas nunca são absolutas. Saúde mental e espiritualidade também não são assuntos simples. Lá dentro, na minha internação, eu vi como as duas coisas andam completamente entrelaçadas. Levei seringadas e me amarraram quando tive uma crise espiritual, e fiquei muito mais vulnerável a essas crises lá dentro do que fora, já que estava num estado fragilizado da minha saúde mental.

E eu não era a única pessoa com essas questões. A fragilidade espiritual leva a fragilidade mental, e vice-versa. Então, a conclusão de que Deus odeia os suicidas e que a sua “fraqueza” e “egoísmo” vão levar a ainda mais sofrimento e punições no plano espiritual, pra mim é uma conclusão rasa de quem acredita em bem e mal.

Eu me recuso a acreditar que espíritos em estado de desespero que escolhem tirar a própria vida vão ser recebidos com mais ódio e mais sofrimento por parte de Deus. Isso não faz sentido na minha cabeça. E ela é o meu guia.

Mas por que falar tanto de espiritualidade e suicídio? Porque sem essa via de mão dupla não existiria fogo de vida pra alimentar a minha potência criadora. Eu acredito que todas as pessoas, das artes ou não, têm com elas uma potência criadora, que pode se manifestar numa obra de arte, mas também num prato de comida, na arrumação do espaço, no código de um programa, na engenhosidade da pesquisa.

O que alimenta o fogo que alça essa potência criadora pros ares e permite que ela voe? Pra mim, é a fé. Essa fé se manifesta da mesma forma pra todas as pessoas? Não. Existem pessoas que vão manifestar a fé na vida através da fé em Deus, da fé no dogma, da fé no amor e nos laços, da fé no futuro, da fé no seu aprendizado. A fé não quer dizer necessariamente um contexto religioso, mas é necessária.

O que me levou ao suicídio foi a morte da minha fé. Perdi a fé em tudo que já me guiou um dia, perdi a fé no que sempre alimentou o fogo da minha vida, perdi a fé no amor e perdi a fé em mim mesmo. Questionei a minha sanidade quando meu corpo foi tomado por forças além de mim, e quando coloquei a minha fé em questão, foi o meu fim.

Entenda-se aqui que a fé e o dogma são completamente diferentes. Questionar o dogma é necessário e saudável. Questionar a fé é questionar a capacidade da coluna vertebral de sustentar minha cabeça, e nesse momento minha musculatura cede imediatamente.

Depois de me matar, o que me reanimou e reacendeu as cinzas da minha fé foi o amor presentificado nas pessoas ao meu redor - minha família e minhas parceiras de cárcere. Quando a fé começou a reacender, eu fui capaz de receber e abraçar um novo sonho, um novo horizonte pra manter meu passo firme. Tenho certeza de que o novo sonho só apareceu quando eu me tornei capaz de recebê-lo, e nem um segundo antes.

Apesar disso, o fogo é uma coisa viva e volátil. Manter ele vivo é a batalha da vida. Uma batalha que nunca vai ter fim enquanto eu estiver respirando, mesmo tendo momentos de chama fraca e momentos de fogaréu.

Esses últimos quase 3 anos têm sido exaustivos tempos de lutar por uma chama que a gente prende a respiração pra não apagar. Mas, mesmo assim, ela existe. Eu não sei porque, mas ela existe. Nas minhas derrotas consecutivas até esse ponto, em cada perda do caminho, eu ainda não desisti da minha fé.

E essa fé não é em mim porque duvido de mim diariamente, não é em meus amigues porque descobri as maiores desilusões da minha vida nesses últimos tempos, não é num futuro melhor porque acredito que a COVID e o Bolsonaro são só as primeiras trombetas do Apocalipse. Eu tenho fé no amor de poucas pessoas, e ainda existe aquela fé que eu não sei denominar direito. Aquela que me arrepia toda vez que converso com a Lua. Mesmo sem saber o seu nome, ela existe.

Eu estou aqui de veias abertas pra dizer que eu ainda tenho fé. E a arte, pra mim, é solo sagrado.

Por que fazer arte em 2022, no fim do mundo, sem dinheiro, sem saúde, sem parceiros, sem competência mental e física, sem porra nenhuma? Como é possível a arte sobreviver a Peste, a decadência, a ignorância? Vou te contar o que eu penso sobre isso.

Eu saí da clínica em Fevereiro de 2020. Em Março, a pandemia chegou ao Brasil. É um belo de um balde de água fria, não é? Produzir Arte Cênica no meio de uma pandemia, é possível?

Desde que eu faço Teatro, uma das discussões que sempre apareciam era sobre o que define o Teatro como Teatro, o que é a essência dessa forma de arte? Na Música, a essência é o som. Seja ao vivo ou gravado, se o som chega até você, se as

vibrações no ar são capazes de mover os átomos do seu corpo, existe a arte da Música.

E o Teatro? Já tivemos várias definições pra isso. Se estiver num palco é teatro, se estiver na rua é teatro, se tiverem atuantes é teatro, se tiverem bonecos é teatro... Qual o fator comum? Por muitos anos, o fator comum era a presença. Para mim e para muitas das pessoas com quem eu convivi, o que definia o Teatro como Teatro era a presença viva de quem faz e de quem assiste. Do grego *Theatron*, lugar de onde se vê.

E então, chegou a pandemia. E de repente, toda essa gente perdeu o chão. Ser artista da cena na COVID-19 significou revolucionar por completo o nosso mundo, nossas crenças, nossos parâmetros. Mesmo eu, que só fiquei dentro de casa, reformulei absolutamente todas as crenças que eu tinha sobre a minha arte.

E existe nesse cenário o problema também da urgência. Me lembro muito de um texto de teatro chamado *Neva*, do Guillermo Calderón. O texto conta a história de um grupo de teatro que se reúne para ensaiar durante o Domingo Sangrento da Revolução Russa, um dos acontecimentos históricos mais marcantes da história do país.

Durante o caos que está acontecendo do lado de fora, os atuantes discutem lá dentro sobre o seu papel, como artistas, durante esse momento. A arte importa quando o mundo está acabando? Somos aqueles violinistas do filme do *Titanic* que fazem uma serenata enquanto todes morrem? Nosso compromisso é ser artista, ou ser pessoa? É possível separar essas coisas?

Durante a pandemia, um dos maiores questionamentos que passam pela minha cabeça é: isso tudo tem importância? Pra quê cantar, pra quê dançar, pra quê pintar diante do genocídio? A única resposta que eu posso oferecer é: fazer arte acende o fogo da minha vida, e só através desse fogo eu posso talvez ser capaz de incendiar as fogueiras que precisam queimar.

Ao longo desses anos eu nem sequer fui capaz de existir plenamente como artista da cena. Meu quarto se tornou o palco da minha vida e da minha arte, e eu só pude existir dentro dele. Mesmo assim, a arte se infiltra, e quando vi, minhas mãos já estavam produzindo arte.

Aquela arte artesania, que poucas pessoas consideram valiosa. Foi essa arte que manteve meu coração pulsando durante o fim do mundo. Desde que eu era criança, minha avó paterna sempre foi artesã. Ela faz bolsa de caixa de leite, chinelos de sucata, caixinhas decoradas de decoupage, decorações de MDF, tinta e colagem. Eu sempre vi a arte dela e das outras artesãs como uma coisa comum.

Além disso, minha família tem muitos músicos, tanto a família paterna quanto materna, então eu cresci no meio de pessoas que tocavam, cantavam e compunham de forma tão vital quanto comiam e dormiam. Eu me acostumei a ver a arte como algo intrínseco à vida.

Mas uma coisa separava a arte da minha família da Arte que eu almejava fazer. O mundo agrava valor à arte feita por celebridades, enquanto as baixas castas de artistas não tem valor algum. Como qualquer pessoa que nasceu e cresceu na nossa sociedade produtivista, eu via uma grande diferença entre aquela arte vital, do dia-a-dia, e aquela Arte mágica, que encantava e brilhava com as suas estrelas.

Desde que eu era criança eu queria ser artista. Mas não aquela arte da minha família, que pra mim era natural e esperada, eu queria ser Artista, aquele tipo que brilha e ofusca quem olha diretamente.

Na nossa sociedade heliocêntrica, nós incumbimos o papel de brilhar às pessoas que vendemos como produtos. Não é à toa os paetês. O problema é que nós não somos um astro luminoso, nós somos um corpo capaz de refletir e absorver a luz. Quando o papel do corpo humano se torna ser fonte de luz ele automaticamente deixa de ser real.

A luz emitida pelas estrelas das Hollywoods é um show de ilusionismo, e a ilusão cativa os olhos de quem assiste, mas o problema é que vende uma promessa que nunca poderá se cumprir.

Eu caí nesse conto do vigário, e quis ser estrela. Mas, ao longo dos meus anos fazendo arte vital, eu descobri que é aí que o meu corpo e espírito são livres. A Arte do show business não é a minha casa. Mesmo assim, é uma mentalidade que vem sendo inserida nos nossos cérebros desde que somos crianças.

Como toda miragem, ela desaparece e de repente aparece novamente em outro lugar. Eu aprendi que não precisava ser estrela pra ser artista, mas quantas vezes nós não colocamos certas artes em pedestais iluminados e ofuscamos outras que refletem a luz natural? Eu com certeza caí e saí desse buraco mais vezes do que eu posso dizer.

Dessa última vez, a lição veio através da arte da minha vó, aquela da sucata que eu conheço desde a infância. Perder o palco luminoso e trabalhar com o opaco das linhas que não brilham no escuro me ensinou novamente essa lição. A artesania

não tem diferença nenhuma da arte. As duas coisas ocupam aquele espaço vital do que faz bombear o nosso sangue quente. A obrigatoriedade de emitir sua própria luz é apenas uma ilusão.

No maior dos palcos e na menor das vielas, nos tecidos de veludo vermelho centenários e nos emaranhados novelos de lã barata, vestindo seda e crinolina ou de chinelo no pé, a arte e a artesania seguem sendo as mesmas. Vitais.

Ser capaz de operar a ilusão pode ser uma vantagem às vezes, existe artesania na montagem de um truque, mas vendê-lo como verdade é mais um dos venenos que a nossa sociedade nos serve de golinho em golinho, como os agrotóxicos inodores e insípidos que passam despercebidos pelos nossos pratos. Não somos seres luminosos, não somos capazes de emitir luz própria, tirar essa cobrança da cabeça é mais um passo pra aceitar a realidade da condição humana. Somos capazes de refletir a luz das verdadeiras estrelas que habitam o cosmos como os olhos de Deus, e somos capazes de absorver a luz e internalizar a sua energia.

Então por que eu continuo fazendo arte diante do colapso pessoal e mundial? Porque é a minha fé. E é fácil? Não! Eu sou o capitão naufragado, o pirata inútil que encalhou a sua barca e assiste os marujos pularem pro mar pra que a correnteza possa levá-los pra águas mais mansas. E mesmo assim, da solidão do meu fracasso, eu ainda não consigo desistir.

Os coaches quânticos motivadores que me perdoem, mas Lei da Atração é o caralho. A realidade é que as coisas não simplesmente se manifestam na sua vida. Todas as rotas fáceis me foram negadas, e eu ainda assim amo quando depois de

tanto suor nasce uma nota, um poema, uma cena, um amigurumi. Mesmo que pequetucho e sem likes no insta.

Por mais que se reflita sobre o assunto, viver de arte no mundo das NFTs é foda... Eu não sou hype, não sou influencer, não tenho seguidores, nem fãs, nem admiradores. Eu não queria precisar fazer tiktoks do processo de manufatura desse baú pra conseguir fazer com que ele tivesse algum espaço no mundo. E a verdade é que eu não fiz nenhum. Só tirei essas fotos do processo e assim mesmo, da metade pra lá do processo, eu esqueci.

Viver na dicotomia da fé e do produto é muito difícil. Pra ser capaz de produzir esse álbum visual, eu preciso competir. Preciso me inscrever em editais, preciso ter presença nas redes sociais, preciso de publicidade, preciso de visibilidade. Eu odeio tudo isso. Mas eu amo a arte.

Com as tetas do governo ficando cada vez mais secas ainda por cima, artistas esquerdistas vagabundos de todas as idades estão morrendo de inanição. Quem dirá artistas esquerdistas vagabundos desconhecidos, que entram e saem dos lugares sem deixar marca nenhuma?

Na moral eu não queria existir no tempo histórico que eu existo. No tempo da dinastia Bolsonaro, dos negacionistas de obviedades e da única sobrevivência possível como artista sendo se tornar celebridade. Eu tenho 27 anos, estou no fim da faixa etária aceitável pra fama, não tenho um corpo padrão, tenho questões raciais mal encaixadas, sou patologicamente preguiçoso e medíocre na maioria das coisas que eu faço. Mas mesmo assim eu queria viver a minha vida como artista, plenamente.

Não é fácil. E o meu plano B, que era o meu diploma, também é uma rede de segurança esburacada e figurativa. Pra que presta um diploma de Bacharelado em Artes Cênicas no Brasil de 2022? Pra dar orgulho pra minha família e paz pro meu coração depois de 6 anos de açoite, com certeza! Mas pra qualquer um fora das paredes da minha casa, pra nada.

Meu diploma não pode me garantir sustento, nem colocação profissional na minha área, nem estabilidade, nem prestígio, nem nada. Então pra quê? De novo, porque sim, porque é a minha fé. Eu comecei e eu vou terminar, é isso que meu fogo de vida me diz que eu preciso pra alimentar minha força vital agora, e a fé é isso. Ela precisa existir, independentemente das dúvidas.

Eu fico pensando quando olho pra tudo isso, pra esses 6 anos, por que tudo isso teve que acontecer? Eu estava na crista da onda antes de entrar na USP. Estava feliz, fazendo arte, com amigues, com muita força de vida, trabalhando, com saúde física, fora de crises mentais, avançando no meu aprendizado.

E então, quando eu entrei na faculdade, acabei conhecendo muitas coisas que não sabia sobre mim. Descobri minha raiva, meu ódio, meus traumas apagados na memória, minha insegurança, meu desprezo, minha insanidade, minha mediunidade mal posicionada, meus amores doentes, minha solidão e minha incompetência.

Eu fracassei como nunca antes. Acumulei derrotas e perdi tanto que perdi a cabeça. Por quê? Eu não sei, não sou Deus. A única coisa que eu sei é que eu saio daqui tão moído que as ligações atômicas do meu corpo se romperam e se reconfiguraram. Sou uma pessoa completamente diferente da pessoa que eu era.

Talvez a coisa da vida seja pular de abismo em abismo sem perder a fé na existência do chão em algum momento da queda. Se eu for capaz, no futuro, de realizar meus novos sonhos, quais serão os próximos abismos? Quão longe eu consigo ir dentro de mim mesmo? Se eu continuar afundando em mim, será que eu encontro um núcleo maciço, como o núcleo da Terra? Aquele que se mantém fixo por baixo dos mantos em eterno movimento tectônico? Ou será que eu sou uma nebulosa, como a Stela, ar, gases puro?

Eu não vou descobrir a resposta nessa vida, talvez nunca. Mas o salto de fé não pode falhar, ou então essa vida termina, e eu vou buscar minhas respostas na próxima. Eu entrei na faculdade porque sim, e eu vou terminar porque sim. Minha fé se materializou nesse baú, nos tesouros que eu fui capaz de colocar aqui, e nos mapas do passado e do futuro que eu escolhi seguir.

Esse baú não encerra as descobertas de uma vida plena. Esse baú é o canto do meu vazio. Se você que encontrou esses tesouros do capitão naufragado tem fé na sabedoria dos encontros, saiba que eu também tenho. Eu deixei aqui tudo o que eu tinha pra dar, o doce e o amargo, as riquezas resgatadas de um navio condenado. Eu sou isso daqui, uma tentativa falha e pequena.

Mesmo assim, é preciosa, é em si toda a riqueza e a pobreza do mundo. Se você chegou até aqui, e descobriu todos esses tesouros, eu te convido a compartilhar comigo também o que você tiver de mais valioso sobre essa jornada. O que você escolheu saquear e o que você escolheu abandonar para o esquecimento. Quem sabe nessa troca de riquezas não abrilha o fogo da fé de alguém no caminho?

Eu já falei bastante. Fale você comigo. Se quiser.